

# Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
------------------------	----------

## **Primeiro Capítulo: O Valor da Língua**

1.1. A origem da língua.....	5
1.2. Língua e identidade.....	10
1.3. A utopia de uma língua universal.....	15
1.4. O valor da diversidade linguística.....	19

## **Segundo Capítulo: A Língua para a União Europeia**

2.1. A política linguística.....	21
2.2. A proteção da diversidade linguística europeia.....	24
2.3. A promoção da aprendizagem das línguas.....	26

## **Terço Capítulo: Projeto de Investigação**

3.1. A procura da investigação.....	29
3.2. O questionário.....	31
3.3. Modalidades de distribuição.....	34
3.4. Definição das hipóteses.....	37

## **Quarto Capítulo: Elaboração dos Dados**

4.1. Modalidades de elaboração.....	39
4.2. Primeira secção: Dados sociodemográficos.....	40

4.3.	Segunda secção: Dados sobre as línguas estrangeiras conhecidas.....	42
4.4.	Terça secção: Dados sobre a avaliação do multilinguismo.....	48
4.5.	Quarta secção: Dados sobre o valor da língua na identidade cultural.....	51
4.6.	Verificação das hipóteses.....	55
	<b>Conclusões.....</b>	<b>57</b>
	<b>Apêndice.....</b>	<b>59</b>
	<b>Bibliografia.....</b>	<b>65</b>
	<b>Webgrafia.....</b>	<b>65</b>
	<b>Riassunto.....</b>	<b>67</b>

## **Introdução**

A Torre de Babel, que significa a "porta do céu" ou a "porta de Deus", é mencionada na Bíblia (Gênesis, 11:8,9) como uma das construções mais ambiciosas do homem.

De acordo com a Sagrada Escritura, a Torre foi construída pelos homens descendentes de Noé na Mesopotâmia, numa terra entre os rios Tigre e Eufrates, na época em que no mundo inteiro se falava apenas uma língua.

No Éden Adão podia nomear as coisas logo que Deus as criava, porque nessa altura havia uma coincidência perfeita entre a linguagem divina e a linguagem humana. Esse equilíbrio ideal desintegrou-se após a construção da Torre de Babel: essa era obra do orgulho humano, pois pretendia alcançar à altura de Deus. Isso causou a fúria dele, o qual a derrubou pela soberba dos homens.

Essa explicação mítica é utilizada também como tentativa para esclarecer mitologicamente a existência de tantas línguas no mundo. Antes da queda da Torre em toda a Terra existia só uma língua, o hebraico, utilizada pelos patriarcas e pelos profetas como meio de comunicação quotidiana e como expressão religiosa. Existia então um único povo que falava só uma língua.

A tentativa de emular Deus foi a causa da perdição: em forma de castigo Deus teria causado uma grande ventania para abater a Torre e espalhar as pessoas sobre a Terra. Consta que o próprio Senhor disse "Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma linguagem. Isto é apenas o começo e agora, não há restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua, para um que não entenda a língua do outro" (Gn 11,6:7).

Os homens então encontraram-se numa condição de completa incomunicabilidade e à procura de uma identidade cultural.

A diversificação linguística provocou a inevitável distinção dos povos:

*Sem se entenderem e dispersando-se por toda a terra, os construtores da Torre de Babel deram origem às diversas culturas e às diferentes línguas que se falam hoje no mundo.*

*A partir de então, Babel passou a simbolizar o castigo divino sobre a arrogância, orgulho e paganismo humano. Babel ficou também sinónimo de confusão, tanto que muitos etimologistas afirmam que a palavra “Babel” tem uma origem hebraica: vem de “balal”, que significa confundir.*

*Mas o episódio de Babel é sobretudo o símbolo que constitui a certidão de nascimento das línguas: o instante no qual os povos adquiriram uma precisa identidade linguística e cultural.*

# Capítulo 1

## O VALOR DA LÍNGUA

### 1.1. As origens das línguas

Qual foi a primeira palavra pronunciada pelo homem? É impossível dizê-lo com certeza, também porque se refere há centenas de milhares de anos.

A origem das línguas é um argumento que ao longo de toda a história do homem suscitou grande interesse e atração cultural por parte de acadêmicos de variadas disciplinas aparentemente distantes entre elas.

Linguistas, psicólogos, médicos, filósofos, anatomistas, geólogos e outros confrontaram-se ao longo de muitos séculos com esse argumento, criando teorias de matrizes diferentes, muitas vezes ligadas ou mesmo divergentes entre eles.

Já desde a antiguidade o tópico de estudo da ciência linguística e a origem da linguagem ocupa o pensamento do homem, como no caso do filósofo Platão, que falava numa língua fundada na natureza, ou no caso de Descartes, que creia na existência primordial de uma língua universal bastante fácil de aprender.

Mas a curiosidade e a fome de saber acerca da questão das origens da língua continuou a não estar satisfeita durante muitos séculos. Este assunto demonstrou-se inacessível para muitos acadêmicos, tanto que em 1866 a Sociedade Linguística de Paris proibiu os debates acerca da origem da língua, considerando-a um problema insolúvel.

Com a abordagem neo-gramatical de Karl Brugmann e outros desde 1890 foi possível uma abordagem sistemática à linguística histórica, mas o interesse dos acadêmicos para a questão consolidou-se progressivamente a partir de 1950.

Muitos linguistas modernos estão de acordo quanto a inexistência de línguas primitivas e concordam que todas as línguas usadas pelas

populações humanas modernas são igualmente complexas.

Supõe-se que o aparecimento da língua e o comportamento humano moderno foram dependentes entre si e que coincidiram temporalmente há cerca de 164.000 anos, no período da pré-história chamado Paleolítico Superior. Presume-se ademais que entre as formas de comunicação dos primatos superiores e da língua humana completamente desenvolvida houve um longo estado de pre-língua.

O linguista norte-americano Joseph Harold Greenberg, da Universidade de Stanford, supõe que a primeira palavra pronunciada pelo homem foi "água", que com muita probabilidade se dizia "haku". Durante a sua vida (1915-2001) Greenberg trabalhou tanto na classificação das línguas quanto na tipologia dos idiomas, comparando dezenas de milhares de termos entre as diferentes línguas.

Em 1960, Greenberg publicou um estudo em que postulava 45 características linguísticas universais a partir da comparação de línguas de famílias diferentes espalhadas pelos cinco continentes do globo terrestre.

A sua tese basa-se na teoria da origem monogenética, ou seja na existência de uma única protolíngua comum a todos os habitantes da Terra: as seis mil línguas faladas hoje em dia no mundo escondem semelhanças e ligações entre elas porque são descendentes de uma única e antiquíssima "língua-mãe", uma raiz comum da qual se desenrolaram no decurso de vários milénios as nossas palavras.

Já três anos antes o linguista norte-americano Noam Chomsky havia lançado a ideia de que havia princípios universais comuns a todas as línguas e que esses princípios foram herdados geneticamente. A teoria chomskyana se desenvolveu ao longo da década de 60, propondo que além dos princípios universais, existiriam parâmetros específicos de cada língua, assimilados no contato do falante com sua língua materna.

A dedução de Greenberg foi partilhada por muitos linguistas e continua ser uma das teorias mais acreditadas.

Dois investigadores russos, Vladislav Illic Svitic e Aaron Dolgopolvsky, com esse método comparativo, estabeleceram, por exemplo, que a maioria das línguas faladas na Ásia e na Europa têm um antepassado comum chamado *nostrático*, falado há 15 mil anos na Ásia Menor e do qual têm reconstituído dois mil vocábulos.

Também William Jones utilizou esse método e, no século XVIII, encontrou muitas semelhanças entre muitos vocábulos do sânscrito, do grego, do latim e do gótico. O antepassado comum era o indo-europeu, do qual hoje em dia se consideram descendentes 140 das 6 mil línguas do mundo.

O linguista Merritt Ruhlen, um dos alunos de Greenberg, em 1994 publicou o livro *A origem das línguas*, relançando recentemente o debate sobre a questão.

Rulhen é conhecido sobretudo pelo seu trabalho sobre a classificação das línguas: agrupou todas as línguas do mundo em só 18 famílias, levando à conclusão de que essa língua-mãe, denominada "língua da Eva" ou "protosapiens", teria nascido com o *homo sapiens* na África há 100 mil anos e que depois se espalhou e se diferenciou gradualmente por todo o mundo. Dos originários 10 mil idiomas permaneceram só 6 mil.

As famílias individuadas são as seguintes: a nostrática (Anatólia), a nigero-congolesa (África Central), a nilo-saariana (África do Norte), a khoisan (África do Sul), a afro-asiática (leste da África e sudoeste da Ásia), a indo-europeia (Europa, Índia, Irã), a dravídica (Índia do Sul), a altaica (Ásia Central), a urálica (Rússia e Escandinávia), a austronésia (Indonésia e Pacífico), a ameríndia (línguas indígenas da América), a esquimó-aleúta (Groenlândia, Ártico canadense, Alasca), a na-dene (línguas nativas da América), a chukchi-kamchadal (Rússia asiática), a austro-asiática (Myanmar, Tailândia, Laos, Vietnã, Camboja, Malásia), a daica (China), a indo-pacífica (Papua-Nova Guiné e Tasmânia) e a australiana (línguas aborígenes da Austrália).

Para os seus trabalhos, Ruhlen utilizou o método de comparação de

Greenberg e começou pela constatação lógica de que um som não tem uma relação direta com o que quer indicar, mas que isso é só uma convenção. Então se há duas palavras de dois diferentes línguas que têm um som semelhante e o significado idêntico, as duas palavras têm de ter necessariamente um antepassado comum.

A partir próprio deste antepassado comum desenrolaram-se as diferentes línguas e, segundo o arqueólogo inglês Colin Renfrew, os processos de difusão das línguas no mundo são quatro e refletem as etapas da colonização do planeta pelo homem:

- O primeiro teve lugar há 100 mil anos quando os primeiros homens, partido da África, se aventuraram nos vários continentes: desta migração alguns vestígios sobreviveriam no basco, nas línguas caucasianas, no khoi-san dos Bosquímanos, nas ameríndias e nas línguas indo-pacíficas, ou seja nas línguas que desde então permaneceram ilhadas e que não tiveram contactos ou influencia por outras línguas. Nessa maneira tornaram-se uma realidade permanente.
- O segundo processo deve-se à descoberta da agricultura, cerca do 7000 a.C., que forçou os povos que já se tinham instalado à migração para novas terras mais férteis; as línguas de estes homens ter-se-iam divulgadas a longa distância, tanto que se desenvolveram as grandes famílias como a indo-europeia, a sino-tibetana e a camito-semítico.
- O terço processo teve lugar talvez no final da última glaciação, quando alguns grupos de homens colonizaram os territórios do Norte. Da língua que eles falavam desenrolaram-se os idiomas dos esquimós e dos habitantes da Sibéria e da Alasca.



- Por último, o quarto processo está ligado com uma etapa muito importante na história humana, ou seja quando o desenvolvimento da sociedade permitiu aos povos de dominar também linguisticamente outras populações. É o caso de algumas línguas indo-europeias como o grego e o latim, o persa e o sânscrito e de línguas sino-tibetanas como o chinês e o mongólico.

## 1.2. Língua e Identidade

O escritor e ensaísta israelita Amos Oz, falando de um dos conflitos mais sangrentos da contemporaneidade, nomeadamente aquilo entre palestinianos e israelitas, deu-nos uma das melhores definições da identidade mediante essa imagem:

*“Nenhum homem e nenhuma mulher é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, com uma metade unida à terra firme e a outra a olhar para o oceano - uma metade ligada à família, aos amigos, à cultura, à tradição, ao país, à nação, ao sexo e à linguagem e a muitas outras coisas, e a outra metade a desejar que a deixem sozinha a contemplar o oceano. [...] Nenhum [...] é uma ilha e nenhum [...] pode misturar-se inteiramente com o outro. [...] A capacidade de imaginar o outro, a capacidade de reconhecer a capacidade peninsular que existe em cada um de nós, pode pelo menos constituir uma defesa parcial contra o gene fanático que todos temos dentro de nós.”*<sup>1</sup>

Se relemos a metáfora como se for uma reflexão sobre a natureza linguística dos indivíduos está perante uma descrição de todas as línguas. Cada idioma tem raízes na terra firme, ou seja todo o sistema de valores de referências externos ao indivíduo (as ligações com a comunidade política, social e linguística na qual nasce e se desenvolve), e no oceano, que representa a pessoal e peculiar maneira de se exprimir e de comunicar de cada falante.

Na sua primeira obra, chamada *Über den Fleiss in mehreren gelehrten Sprachen*, escrita em 1764, o filósofo e escritor alemão Johann Gottfried von Herder define a língua como uma planta que cresce e se desenvolve em conformidade com a terra e o clima no qual foi plantada. A terra firme descrita antes.

“Cada língua tem o seu próprio carácter nacional”, como afirma

---

<sup>1</sup> Contra o Fanatismo (Rio de Janeiro: Ediouro, 2004)

Gottfried von Herder, e a nossa língua materna corresponde ao nosso carácter e a nossa peculiar forma de pensar.

Massimo Arcangeli, linguista italiano e sociólogo da comunicação, afirma: “Cada língua, assim como cada um dos seus falantes, tem uma sua própria identidade, uma sua personalidade, uma sua alma; ensinar o aprender um idioma não é ensinar o aprender simplesmente a maneira de falá-la e de escrevê-la, mas é intentar transmitir ou assimilar própria aquela identidade, aquela personalidade, aquela alma”.

Muitos estudiosos e investigadores afirmam que a língua que falamos pode determinar de maneira inequívoca a nossa personalidade e a nossa perspectiva da realidade. De facto a linguagem não só influencia a maneira na qual olhamos para o mundo, mas é inclusive capaz de “modelar” os nossos cérebros, até condicionar as formas de pensar e agir, mudando as nossas convicções e atitudes. Segundo um número crescente de estudos feitos nesse âmbito, ser anglófono de nascimento ou, por exemplo, falante nativo de japonês tem efeitos diferentes no nosso cérebro, até modificar o nosso pensamento, porque cada idioma enfatiza aspetos diferentes da realidade e da experiência.

O economista Keith Chen da Universidade de Los Angeles descobriu que a língua pode mesmo influenciar a atitude de reserva: os chineses, que não têm um tempo verbal específico para indicar o futuro, têm uma propensão para a poupança 30% superior a quem fala línguas que definem distintamente o futuro do presente, talvez porque identificar linguisticamente o futuro o torna mais longe, diminuindo a motivação para poupar.

Constatou-se também que o género das palavras incide sobre a visão da realidade e do mundo: um estudo feito sobre crianças judias e finlandesas revelou que os primeiros tomam conhecimento da própria sexualidade em média um ano antes dos meninos finlandeses, que tardam em perceber de ser masculino ou feminina.

Outro exemplo do papel da comunicação na nossa visão do

mundo refere-se à percepção das cores. A Universidade de Londres realizou uma investigação sobre a classificação das cores, inquirindo falantes anglófonos e falantes da himba, uma língua falada no norte da Namíbia. A experiência revelou que os falantes himba têm categorias diferentes com respeito aos ingleses. Em himba a cor verde e a cor azul são na mesma categoria e ambos são definidos pela palavra *buru*, mas usam termos diferentes para classificar diversos tons de verde, contrariamente aos sujeitos ingleses.

Em alguns casos os efeitos de uma língua são ainda mais curiosos: uma investigação realizada pela psicóloga cognitiva Lera Boroditsky, da Universidade de Stanford, revelou que os membros da tribo Piraha, na Amazônia, não têm cognição das quantidades exatas, porque na língua falada por eles não existem palavras para indicar os números, mas só os termos para definir pouco e muito.

A influência exercida pelos idiomas na estrutura mental individual e na construção do espaço identitário está confirmada ainda mais por alguns estudos feitos sobre os falantes bilingues.

Segundo uma experiência publicada na revista científica *PLOS One*, os sujeitos resultam influenciados pela língua que falam também nas decisões mais conscientes. Resultou que quando os sujeitos se expressavam na segunda língua eram menos influenciados pelas emoções e tendiam a ser menos “eticamente corretos”. Efetivamente, quando os participantes à experiência tinham que decidir se sacrificar uma pessoa para salvar cinco outras, eram mais propensos a aceitar quando falavam a segunda língua, fazendo escolhas mais objetivas e utilitárias.

Pelo contrário, quando falavam na própria língua tendiam a adotar decisões mais condicionadas pelas emoções e prevalecia a proibição moral de matar, como se mudando a língua mudasse também a personalidade.

O neurologista Jubis Abutalebi afirma, de facto, que é a língua-mãe que

estabelece as regras morais da ética e dos sentimentos e que um idioma que não é aprendido desde o nascimento está menos influenciado pelas emoções porque falar a segunda língua precisa de um controlo cognitivo maior.

Parece emblemática a frase de Carlos Magno, o qual disse: “Falar uma outra língua é possuir uma segunda alma”.

Obviamente, como explica Abutalebi, a estruturação dos pensamentos cognitivos e da visão da realidade está influenciada também pelo substrato cultural específico. O papel da cultura é determinante.

Em chinês, por exemplo, a palavra “dragão” não define só o animal fantástico das fábulas, mas é sobretudo símbolo de fortuna, sabedoria e força. Em consequência, um chinês vê de maneira diferente mesmo um ser irreal com respeito a um habitante ocidental.

De facto, cada língua, enquanto fator social e cultural, é constitutiva de cada ser humano e atribui a cada indivíduo uma maneira peculiar para perceber e ver o mundo em volta de si. Estabelece-se então uma relação muito estreita entre idioma e cultura, sobretudo em face da construção de uma identidade cultural e nacional.

A língua é a principal característica cultural de um povo, porque representa a ligação entre as gerações, define as fronteiras entre as diferentes etnias e é o elemento constituinte das expressões culturais de uma nação.

Efetivamente a língua não é o elemento essencial que nos diferencia? Que distingue talvez mais que qualquer outra característica um povo de um outro? Que faz como que se constitua um “nós” e um “eles”? A pertença linguística é um fator de unificação e criador de consciência nacional, em quanto a língua se institui expressão da união de um povo. O contato linguístico, junto com aspetos culturais e sociais, pode tornar-se determinante na construção da identidade de um grupo social ou/e na autoafirmação de uma nação em quanto tal. Basta pensar na difusão e

no desenvolvimento das gírias hoje em dia: falar uma gíria específica indica a pertença a uma determinada subcultura, que intenta sublinhar as diferenças com respeito às outras.

Nessa perspectiva insere-se as ideias de que a unidade de um Estado nacional seja realizada através a partilha de um idioma comum e de que a afirmação de uma língua determina a identidade e a forma de pensar dos seus falantes, salientando as diferenças entre as comunidades, os grupos étnicos e as nações. No entanto, a expressão mais direta da cultura de um povo é a língua; ela é o que nos torna cidadãos de uma Nação que dá identidade.

Por isso, é inegável a natural ligação entre a língua e o espaço simbólico identitário, apesar da dificuldade em estabelecer os limites e as fronteiras que separam as línguas, das culturas, das etnias e das sociedades.

Portanto é necessário refletir sobre o papel e a importância da língua, que se constitui muito mais que um instrumento e um meio de comunicação, mas que, como diz a linguista portuguesa Maria Helena Mira Mateus, “institui-se um elemento de definição, manutenção e preservação de identidade”.

### 1.3. A utopia de uma língua universal

Apesar da indiscutível influência da língua na construção da identidade cultural e individual, e apesar da provada correlação entre as duas variáveis, não faltaram os apoiantes de línguas auxiliares utilizadas para a comunicação humana universal.

No final do século XIX esse ideal chegou a inspirar a criação de línguas artificiais, que prosseguiram o objetivo de igualdade linguística que permitisse uma maior interação cultural entre os povos.

Cada idioma artificial foi criado segundo regras gramaticais, fonológicas e de vocabulário cuidadosamente planejadas para permitir uma aprendizagem rápida e abrangente. O objetivo principal a atingir era que fosse possível um diálogo entre os diversos povos através de uma segunda língua simples e expressiva, que pertencesse à humanidade e não só a um povo. A principal diferença com respeito às línguas naturais é que originariamente os idiomas artificiais não se desenvolveram e não se afirmaram espontaneamente nas culturas humanas.

A seguir são descritas algumas das mais importantes línguas artificiais das últimas décadas.

Em 1887 o médico polonês Dr. Lázaro Zamenhof tentou resolver a impossibilidade de comunicação entre os diferentes povos planejando o *esperanto*. O *esperanto* é uma língua internacional, um veículo para estabelecer uma ponte entre as culturas que não permita nenhuma tendência de hegemonia cultural.

Em 1905 ocorreu na França o primeiro congresso mundial do *esperanto*, onde se organizaram grupos para a prática, o ensino e a divulgação do novo idioma.

Com o fim da II Guerra Mundial, a Unesco reconheceu o valor da língua para a cultura mundial, mas o *esperanto* nunca chegou a se popularizar, apesar de crescer a cada dia e de ter adeptos no mundo todo, chamados *esperantistas*, que hoje comunicam entre si mais que tudo

graças à internet.

Em 1887 Zamenhof publicou inicialmente em russo o primeiro livro sobre o esperanto, que compreendia as regras gramaticais, o alfabeto e um vocabulário básico. O esperanto tem uma estrutura extremamente flexível, para que seja muito mais fácil de aprender do que qualquer outra língua. A sua estrutura fundamental é composta por 16 regras, possui 28 letras e 28 fonemas.

A intenção foi a criação de uma língua de fácil aprendizagem e neutra do ponto de vista internacional. Diferentemente das línguas étnicas, cuja maior dificuldade consiste de grande número de exceções, em esperanto elas praticamente inexistem.

Partindo do esperanto, em 1937 o esperantista suíço René de Saussure propôs o *esperanto II*, ou seja em projeto de reforma do esperanto que incluía algumas alterações da morfologia, da fonologia e da ortografia para simplificar ainda mais o idioma.

Hoje em dia o esperanto possui rica literatura e dicionários em mais de 50 idiomas e mesmo alguns de seus falantes são ilustres, como Umberto Eco, Reinhard Selten (Nobel em Economia), László Polgár (especialista em semiótica).

Na tentativa de criar uma versão mais simples do esperanto, o francês Louis de Beaufront criou o *ido*, que em esperanto significa *descendente*.

O ido herda muitas características e regras gramaticais do esperanto e os dois idiomas partilham também a elevada rapidez de aprendizagem e o uso de palavras comuns aos diferentes idiomas europeus. Apesar das alterações com respeito ao esperanto, o vocabulário é muito semelhante, tanto que as duas línguas resultam mutuamente compreensíveis.

Hoje em dia o ido é falado por um pequeno grupo de pessoas e nos últimos anos a internet permitiu um renovado interesse pelo idioma. A estimativa do número das pessoas que falam o ido varia entre 250 e 5.000



pessoas, ao passo que o esperanto é falado por mais de 1.600.000 pessoas.

A sobrevivência e o desenvolvimento do ido deve-se mais que tudo pelos muitos recursos financeiros acumulados nas primeiras décadas do século XX. O químico Wilhelm Ostwald, por exemplo, doou a receita do seu Prémio Nobel de 1909 a uma fundação idista.

Tudo isso permitiu também o nascimento de algumas revistas escritas em ido que contribuíram à difusão e o desenvolvimento do idioma. Entre as mais importantes a revista francesa *Kuriero Internaciona*, aquela espanhola nomeada *Adavane!*, e o órgão oficial do movimento ido, a revista *Progreso*: que é publicada desde o nascimento do ido.

Mas com a publicação, em 1922, de um projeto para uma língua ainda mais europeizada, o *occidental*, chamado mais tarde *interlínguas*, verificou-se uma progressiva fragmentação das comunidades idistas, tanto que o movimento ido perdeu a maioria dos seus periódicos e revistas. Tudo isso provocou a defeção de muitos apoiantes e mesmo do seu principal defensor, o linguista dinamarquês Otto Jespersen.

Jespersen afastou-se do movimento idista e renegou o ido tanto que, em 1928, assentou as bases para uma nova proposta linguística: o *novial*.

O *volapuke* (Volapük) é outro exemplo de uma língua artificial. A palavra Volapük significa "língua mundial", porque está formada pelas palavras vol (em genitivo vola) e pük, que deriva respetivamente das palavras inglesas world ("mundo") e speech ("linguagem, palavra").

O volapuke foi criado em 1880 por o padre católico alemão Johann Martin Schleyer. Ele dizia que Deus lhe tinha dito num sonho para criar uma língua internacional e por conseguinte ele criou esta língua artificial, cujo léxico deriva sobretudo do inglês, do alemão e do francês.

Realizaram-se convenções de volapuke em 1884, 1887 e 1889; nas duas primeiras foi utilizado o alemão como língua veicular, mas na última usou-se, talvez precocemente, apenas o volapuke, o que pode ter sido uma das razões principais para o rápido declínio da língua.

Os exemplos aqui fornecidos não devem ser considerados uma lista exaustiva das tentativas de criação de um idioma universal, porque um debate completo sobre o argumento necessitaria uma análise detalhada também de outras línguas artificiais, como o *solresol*, um dos primeiros idiomas auxiliares criados, o *idiom neutral*, derivado do volapuque, o *unish*, uma das línguas mais recentes, proposta da Universidade coreana de Sejong em 2005, e muitos outros idiomas criados artificialmente ao longo do tempo.

Mas a análise aqui proposta pode ser considerada suficiente na medida em que os exemplos fornecidos sejam instrumento para uma reflexão linguística e cultural sobre a intenção, a inspiração e os objetivos que levaram à criação de idiomas que permitissem a comunicação humana universal.

Em 1907 Louis Couturat, fundador da *Delegação para a Adoção de uma Língua Auxiliar Internacional*, reuniu um comité consultivo de linguistas e peritos em Paris. O objetivo era discutir sobre a adoção de uma língua internacional selecionando-a entre as propostas e os projetos publicados até aquele momento.

O resultado foi muito curioso: o comité decidiu que nenhuma das línguas propostas era completamente aceitável. Por outro lado, afirmou que o esperanto era a língua que mais podia ser aceite por a sua relativa perfeição e as diferentes aplicações que já tinha tido.

O parecer do comité, de facto, foi de alguma maneira profético. Na realidade o esperanto foi o idioma artificial que teve mais êxito e que tem apoiantes também atualmente, mas hoje, um século mais tarde, podemos afirmar que nenhum idioma artificial tem conseguido o seu objetivo de divulgação e transmissão universal.

Até agora nenhuma língua artificial foi declarada idioma oficial de um País, nenhum sistema de ensino nacional adotou-a, e o seu uso permaneceu limitado a um número reduzido de indivíduos.

#### 1.4. O valor da diversidade linguística

E se no futuro se falasse só uma língua que mundo seria?

Não é fácil pensar num cenário desse tipo. É preferível considerar a diversidade linguística como um património inestimável, ao qual pelo menos uma parte do género humano não estaria disposta em renunciar. David Crystal, linguista irlandês, afirma que: "Um mundo onde só tivesse restado uma língua é um cenário que poderia ser teoricamente obtido em 500 anos". Mas mesmo Crystal considera esta hipótese "um desastre intelectual sem precedentes".

O cenário presumido por Crystal seria a consequência à adoção do inglês como língua franca e à extinção da maioria das outras línguas, tema que é discutido no segundo capítulo na sua obra *A revolução da linguagem* (2005).

Crystal analisa as relações entre as distintas línguas e a sua constante transformação ao longo da história, com especial atenção à velocidade do desaparecimento dos idiomas nas últimas décadas.

O linguista sublinha também que não é só o inglês que está envolvido no problema do desaparecimento linguístico, mas afirma que são responsáveis todas as línguas majoritárias, como o espanhol, o francês e o português. É fácil observar este fenómeno na realidade brasileira, onde se verificou o desaparecimento de algumas línguas indígenas e muitas estão em processo de extinção.

"O que é tão dramático é a dimensão do problema. Não há nada de estranho em uma língua morrer. Comunidades surgem e desaparecem ao longo da história, e com elas suas línguas. [...] Mas o que está acontecendo hoje é extraordinário, julgando-se pelos padrões do passado. Metade das línguas do mundo morrendo em um século significa uma extinção linguística em uma escala maciça e sem precedentes."

Efetivamente cada língua, por sua natureza e por o seu carácter dinâmico, está sujeita a transformações contínuas, mudanças

substanciais e processos de aquisição e perda de vocábulos. Na realidade é sempre o uso que determina uma língua: as regras de hoje não são aquelas do passado, e com muita probabilidade aquelas do futuro serão diferentes das atuais.

Mas a recente aceleração do fenómeno do desaparecimento linguístico constitui uma ameaça à heterogeneidade linguística, que deve ser tutelada pelos povos e pelas instituições internacionais, visto que representa uma riqueza cultural e mesmo garante a evolução do género humano e a sua própria sobrevivência.

Dessa maneira, “se a diversidade é um pré-requisito para o sucesso da humanidade, então a preservação da diversidade linguística é essencial, pois a língua está no cerne do que significa ser humano”.

## **Capítulo 2**

### **A LÍNGUA PARA A UNIÃO EUROPEIA**

#### 2.1. A política linguística

Entende-se por política linguística “cada iniciativa ou conjunto de medidas através das quais as instituições influenciam os equilíbrios linguísticos de um País” (Klein, 2003).

A política linguística caracteriza-se por ser uma operação que inclui “todos os âmbitos de encontro, sobreposição e proximidade entre as práticas linguísticas e as práticas sociais que têm uma forte relevância política” (Carli, 2004).

O objetivo principal é o de modificar a natural evolução das línguas, influenciando o conjunto complexo de fatores sociais, políticos e económicos de uma comunidade.

A Organização das Nações Unidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos do 10 de dezembro de 1948 não faz nenhuma referência explícita aos direitos linguísticos e não prevê nenhuma ação de política linguística.

É só em 1966 que a ONU adota o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, que, para além da atenção que visava evitar cada tipo de discriminação, se refere diretamente aos direitos linguísticos no artigo 27, que declara: “Nos Estados em que existam minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, não será negado o direito que assiste às pessoas que pertençam a essas minorias, em conjunto com os restantes membros do seu grupo, a ter a sua própria vida cultural, a professar e praticar a sua própria religião e a utilizar a sua própria língua.”

Mas, se por um lado esse artigo assegurava a proteção da própria identidade, por outro era muito vago e não especificava qual devia de ser o compromisso dos Estados e a natureza das medidas necessárias para garantir este resultado.

A instituição internacional que mais que outras pôs uma política linguística forte e coerente no centro dos próprios objetivos é a União Europeia.

O primeiro ato de integração europeia foi o Tratado da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), firmado pela França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, República Federal Alemã e Itália no dia 18 de abril de 1951 em Paris. Naquela ocasião o único idioma adotado pela sua redação foi o francês.

Seis anos depois, no dia 25 de março de 1957, do Tratado de Roma que instituiu Comunidade Económica Europeia (CEE) foram feitas quatro versões, correspondentes às línguas oficiais dos seis Países fundadores.

No obstante os dois tratados regulassem temas económico-comerciais, a questão linguística tinha uma relevância fundamental pela comunicação entre as instituições comunitárias.

Mas é só com o Tratado de Maastricht do 1992, que determina o nascimento da União Europeia, que a política linguística, a criação da identidade comum e a proteção das línguas regionais ou minoritárias entraram a fazer parte dos objetivos de uma instituição internacional.

A legislação comunitária<sup>2</sup> estabelece os princípios e as linhas de ação da política linguística que os Países membros se comprometem a atuar.

As indicações da União Europeia traduzem-se em reformas dos sistemas de ensino, financiamentos de projetos de mobilidade entre os cidadãos europeus e promoção da integração e do multilinguismo.

As línguas oficiais atuais da UE são 24: alemão, búlgaro, checo, croata, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, estónio, finlandês, francês, grego, húngaro, inglês, irlandês, italiano, letão, lituano, maltês, neerlandês, polaco, português, romeno e sueco, correspondentes às línguas faladas nos Países membros. Algumas línguas regionais, como por

---

<sup>2</sup> Arts. 2 e 3 do TUE (Tratado da União Europeia); Arts. 6 e 165 do TFUE (Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia)

exemplo o catalão e o galês, são consideradas línguas cooficiais.

Cada cidadão europeu pode comunicar com as instituições europeias em qualquer uma das línguas oficiais e tem direito a receber uma resposta na mesma língua. Ademais, todos os documentos legislativos da EU são publicados em todas as línguas oficiais, assim como existem 24 versões do sítio web oficial da União Europeia.

A partir do ano 2001 celebra-se também o dia europeu das línguas, no dia 26 setembro.

A política da União Europeia no domínio do multilinguismo tem duas vertentes, por um lado a proteção da diversidade linguística europeia, por outro a promoção da aprendizagem de línguas.

## 2.2. A proteção da diversidade linguística europeia

Além das 24 línguas oficiais, a União Europeia reconhece mais de 60 línguas regionais ou minoritárias, que são faladas por cerca de 40 milhões de pessoas, que representam cerca do 10% dos cidadãos europeus. É o caso por exemplo do basco, do catalão, do frísio, do galês, do ídiche e do lapão.

O estatuto jurídico comunitário<sup>3</sup> vira ao reconhecimento das línguas regionais e minoritárias e garante a sua proteção. A Comissão Europeia incentiva a diversidade linguística mantendo um diálogo aberto com governos nacionais, que têm a responsabilidade de individuar e salvaguardar os idiomas minoritários e os dialetos locais.

Muito significativa foi a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, aprovada pelo Conselho Europeu no dia 5 de novembro de 1992.

Em primeiro lugar no primeiro artigo dessa Carta encontra-se uma definição de línguas regionais ou minoritárias, definidas como línguas “utilizadas tradicionalmente num determinado território de um Estado por nacionais desse Estado que constituam um grupo numericamente inferior à restante população do mesmo Estado e [...] diferentes da(s) língua(s) oficial(is) desse Estado”.

No preâmbulo da Carta afirma-se que a proteção das línguas regionais ou minoritárias é uma questão que envolve a riqueza cultural da Europa, mas se sublinha também que essa proteção não tem que obstaculizar a aprendizagem das línguas oficiais.

O objetivo principal é aquilo de estabelecer as políticas e medidas que os Estados signatários se comprometem a adotar no campo do ensino, da justiça, da administração, das atividades socioeconómicas, dos meios de comunicação e das atividades culturais.

Outro passo importante foi dado com Convenção-Quadro sobre a

---

<sup>3</sup> Art. 22 da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia ou Carta Constitucional Europeia (2000)



Proteção das Minorias Nacionais do 1995 que evidência a alta consideração que as Partes Contratantes atribuem à proteção das minorias nacionais.

À União Europeia cabe o mérito de ter traduzido estes princípios em ações concretas. Já em 1993 a Comissão Europeia tinha conduzido uma investigação na qual se analisavam as variáveis sociais, económicas, culturais e institucionais que permitiam à sobrevivência de um idioma. Este relatório levou à individuação de um capítulo orçamental específico que permitiu os financiamentos de numerosos projetos e iniciativas para garantir o respeito dos princípios estabelecidos na Carta Constitucional Europeia.

### 2.3. A promoção da aprendizagem das línguas

O segundo vertente na política da União Europeia no domínio do multilinguismo é a promoção da aprendizagem de línguas.

Um dos objetivos da política de multilinguismo é que todos os cidadãos europeus falem duas línguas para além da sua língua materna. Considerando que os estudos indicam que nos primeiros anos de idade a aprendizagem das línguas resulta ser mais eficaz e simples, os Países membros reformaram os próprios sistemas educativos e de ensino para que as crianças familiarizassem desde muito cedo com as línguas estrangeiras.

No sítio web oficial da União Europeia são indicadas as razões pelas quais se promove a aprendizagem das línguas, como especificado em seguida: “A UE apoia a aprendizagem das línguas porque: competências linguísticas mais apuradas permitem que um maior número de pessoas possa estudar e/ou trabalhar no estrangeiro, melhorando assim as suas perspetivas de emprego; falar línguas estrangeiras contribui para aproximar pessoas de culturas distintas, indispensável para se viver numa Europa multilingue e multicultural; as empresas necessitam de pessoas que saibam falar várias línguas para poderem fazer negócios em toda a Europa; o setor das línguas – tradução e interpretação, ensino de línguas, tecnologias da linguagem, etc. – é um dos setores da economia em mais rápido crescimento”.

O artigo 165 do TFUE<sup>4</sup> ocupa-se de instrução, formação profissional, juventude e desporto e indica os objetivos que os Estados signatários se comprometem em respeitar para proteger e promover as línguas oficiais da União. Esta política linguística promove o multilinguismo a través projetos que favorecem a aprendizagem e a difusão das línguas, a diversidade linguística, a cooperação entre os Países membros no campo do ensino e da instrução e a mobilidade dos docentes e dos estudantes.

---

<sup>4</sup> *Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia*

O projeto de mobilidade europeia no domínio da educação e da formação que teve mais êxito é o Projeto Erasmus+, que utiliza diversos instrumentos entre os quais: o Projeto Leonardo (Mobilidade de Pessoas para Formação e Educação Profissional Inicial no Mercado do Trabalho), o Projeto Erasmus Mundus (Programa de Cooperação e Mobilidade Mundial) e o Projeto Erasmus<sup>5</sup>.

Este último programa foi estabelecido em 1987 como apoio interuniversitário de mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior entre Estados membros da União Europeia e Estados associados, como a Noruega, Islândia e o Liechtenstein.

O Erasmus permite a alunos europeus que estudam noutro país por um período de tempo entre 3 e 12 meses, recebendo um apoio financeiro que é, mediamente, de 274,00 euro por mês. Com um budget total de 3,1 mil milhões de euros, o programa já permitiu a 3,3 milhões de estudantes de toda Europa de estudar no estrangeiro. Em 1987 eram só 3.244, provenientes de 11 Países, e, 27 anos depois, os Países envolvidos ficaram 34 com mais de 270.000 estudantes.

A sondagem do Eurobarómetro 2012, que é o mais recente da UE sobre os europeus e as línguas, mostra que os europeus têm uma atitude muito positiva relativamente ao multilinguismo. Essa investigação revela que o 98% dos cidadãos europeus consideram que falar línguas estrangeiras é útil para o futuro dos filhos, o 88% consideraram que conhecer outras línguas, além da sua língua materna, é muito útil, o 72 % dos inquiridos concordam com o objetivo da UE de pelo menos 2 línguas estrangeiras para todos e o 77 % consideram que a melhoria dos conhecimentos linguísticos deve ser uma prioridade política.

---

<sup>5</sup> *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*



## **Capítulo 3**

### **PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

#### 3.1. A procura da investigação

Esta tese tem a sua origem na intenção de conciliar a minha formação académica com a minha experiência do Erasmus, vivida em Faro na *Universidade do Algarve* durante o passado ano académico. Viver um ano no estrangeiro é para qualquer pessoa uma experiência enriquecedora e estimulante; no meu caso o foi, por um lado, desde um ponto de vista académico e, por outro, desde aquilo mais estreitamente pessoal.

Participar ao Projeto Erasmus para mim significou ter a oportunidade de imersão na língua e cultura portuguesa, conhecer a história, a tradição e os hábitos de um outro povo, frequentar um instituto académico com características diferentes e, também, verificar as minhas capacidades relacionais e de adaptação.

A escolha de indagar os fatores linguísticos e extralinguísticos que estabelecem correlações entre uma língua e a identidade cultural dos seus falantes provém da comparação entre a realidade italiana, que vivo cada dia, e as realidades estrangeiras.

As oportunidades de contato com culturas e línguas diversas são enfatizadas e aprofundadas particularmente durante a experiência Erasmus, que tive a sorte de viver, além de Faro, na *Univesidad de Salamanca* (Espanha) há dois anos.

Neste contexto desenvolve-se a investigação proposta nessa tese, que tem o objetivo de indagar o valor da língua na identidade cultural de uma comunidade e a atitude para aprender novos idiomas.

A anterior experiência na escritura da tese trienal, graças a qual adquiri as técnicas necessárias para a elaboração de dados amostrais, permitiu-me ter os instrumentos para enfrentar o presente trabalho.

Propõe-se então uma análise estatística sobre os habitantes de Faro que examinará a abordagem do multilinguismo promovido pela União Europeia e a relação existente entre língua e identidade cultural.

É nessa perspectiva que se escolheu de recorrer à elaboração e distribuição de um questionário anónimo, que pudesse fornecer, através das perguntas propostas, uma imagem da realidade linguística e cultural portuguesa.

O recurso a este instrumento de medição encontra a sua razão de ser na recolha de informações sobre as variáveis qualitativas e quantitativas através a distribuição do questionário (anexo 1 da apêndice).

Esta elaboração, assim como as conclusões que resultarão, não pretende ser um estudo estatístico demasiado rigoroso, mas sim propor pistas de reflexão sobre a abordagem do povo português ao multilinguismo e sobre a diversidade geracional respeito aos temas de globalização e integração.

### 3.2. O questionário

**Estrutura.** O questionário é constituído por 30 perguntas organizadas em quatro partes distintas, cada uma das quais está composta por diferentes tipologias de perguntas. Estão previstas secções homogéneas por temática e transições graduais entre um tema e outro, que acompanham o entrevistado à uma harmoniosa compilação.

Embora o questionário seja anónimo, a secção introdutória recolha dados de natureza sociodemográfica, os quais visam à recolha das características demográficas, sociais e económicas dos indivíduos, como por exemplo a idade, o sexo, o estado civil, a renda familiar, o nível de instrução etc.

Esta primeira parte tem, ademais, o objetivo de aumentar a fundamentação do inquirido e de o fazer entrar na lógica do questionário.

A segunda subdivisão é constituída por uma secção objetiva na qual se examina a condição individual de cada um dos inquiridos com respeito ao conhecimento das línguas estrangeiras e das modalidades e do nível da aprendizagem.

As últimas duas perguntas desta parte referem-se à valoração subjetiva dos projetos europeus de política linguística.

Nas últimas duas sessões, excluindo poucas e esporádicas perguntas que permitem repostas múltiplas, optou-se por propor afirmações as quais o entrevistado é chamado a indicar em que medida está de acordo utilizando uma escala de pontuação de 0 (totalmente em desacordo) a 10 (totalmente de acordo).

Em particular a terça parte prevê uma série de perguntas sobre a predisposição e o interesse na aprendizagem de outros idiomas, avaliando diversos aspetos e vantagens decorrentes de um multilinguismo mais difundido; em fim, investiga-se a ligação percebida

entre a língua e a identidade cultural, tanto a nível individual quanto coletivo.

A última pergunta do questionário (Q30) visa à recolha de opiniões sobre a possibilidade de substituir a língua-mãe com um idioma artificial que permita a comunicação universal.

**Ordem.** Em fase de estruturação e conceção do questionário a ordem das perguntas desempenhou um papel central; a cada uma delas se tentou encontrar a colocação melhor, fruto de decisões ponderadas.

A escolha de pôr o principal motivo de investigação na segunda metade do questionário deve-se à consideração que a compilação segue uma linha lógica e gradual, graças à qual o inquirido apresenta em primeiro lugar informações objetivas e sucessivamente avaliações subjetivas e pessoais.

Na terça sessão, aquela dedicada à avaliação das diferentes vantagens da aprendizagem das línguas, foi proposta uma pergunta de carácter mais geral sobre a utilidade do multilinguismo e sucessivamente a mesma pergunta foi limitada a alguns específicos âmbitos.

É o caso, por exemplo, das perguntas Q19 e Q20 que são respetivamente “Acho que saber outros idiomas seja útil em geral” e “Acho que sabendo mais idiomas teria mais oportunidades no trabalho”.

**Erros.** A conceção do questionário e a modalidade de distribuição implicam, em consequência, algumas considerações preliminares.

Sendo o questionário uma fonte potencial de erros não devidos à amostragem é necessário que seja concebido e desenvolvido a fim de prevenir e limitar os erros.

Uma investigação que recolhe dados e avaliações subjetivas deve dar especial atenção à ordem das perguntas, às palavras utilizadas na formulação das perguntas, às escalas de avaliação aplicadas, ao estado de espírito dos inquiridos e à seleção das informações elaboradas.



Alguns erros nas respostas dos indivíduos são, em todo o caso, casuais e por isso não podem falsar a interpretação dos resultados.

Outros erros podem ser causados pelas características individuais dos entrevistados, mas esta tipologia de erro pode dificilmente ser evitada pelos instrumentos utilizados nesta investigação e, por conseguinte, não será objeto de medição.

**Tradução.** Particular atenção foi dedicada também à tradução do questionário, que foi inicialmente concebido em italiano e posteriormente traduzido em língua portuguesa. Tal operação exigiu uma atenta e escrupulosa elaboração, porque o questionário italiano continha uma terminologia que não tinha imediata correspondência na minha bagagem linguística portuguesa.

Em muitas ocasiões a construção da frase portuguesa implicou algumas modificações no carácter sintático com respeito as perguntas italianas, pois a tradução literal do questionário teria alterado e/ou falsado o conteúdo semântico e pragmático.

A imprópria formulação da pergunta teria podido causar erros de compreensão da amostra analisada e teria comprometido irremediavelmente os dados recolhidos. É também por isso que foi dedicada muita atenção à tradução do questionário, realizada em colaboração com a professora e minha relatora Barbara Gori.

### 3.3. Modalidades de distribuição

As modalidades de individuação da amostragem foram determinadas a fim de dispor de uma seleção representativa da povoação portuguesa que permitisse de obter as mesmas informações que se teriam recolhidas com base na inteira povoação.

A numeração da amostra, fixada a 100 questionários e decidida em conformidade com as necessidades da investigação e o seu objetivo, consente uma distribuição mais cuidadosa e uma elaboração mais simples dos dados.

O sistema de amostragem escolhido foi a *amostragem aleatória estratificada*, que prevê a individuação de algumas determinantes da povoação que se consideram fortemente relacionadas com as variáveis objeto de estudo.

Este tipo de amostragem melhora as estimativas porque torna a amostra mais semelhante à povoação, tornando-a uma “miniatura” da coletividade.

As determinantes individuadas para executar a estratificação são sexo e idade, que parecem aquelas mais relevantes em matéria da aprendizagem dos idiomas estrangeiros e da perceção da identidade cultural.

Pode-se presumir que as diferenças de género e, ainda mais, as geracionais influenciam de maneira decisiva a abordagem ao multilinguismo, a disponibilidade a aprender novos idiomas e a maneira na qual as línguas são consideradas constituintes da própria identidade cultural e nacional.

Para individuar a amostra para analisar, a povoação total portuguesa (10.250.113 em 31/12/2014) foi dividida na seguinte maneira:

1. Com base no género:

	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
<b>POVOAÇÃO</b>	4.899.253	5.350.860
<b>PERCENTAGEM</b>	<b>47,2%</b>	<b>52,8%</b>

Tabela 1.3: Percentagens por género da povoação portuguesa em 31/12/2014

2. Com base na classificação etária indicada no questionário (Pergunta Q2 do anexo 1):

<b>IDADE</b>	<b>POVOAÇÃO</b>	<b>PERCENTAGEM</b>
15 – 25	1.085.265	<b>15,98%</b>
25 – 35	1.291.487	<b>19,02%</b>
35 – 50	2.309.989	<b>34,02%</b>
50 - 65	2.104.112	<b>30,98%</b>
<b>TOTAL</b>	6.790.853	100%

Tabela 2.3: Percentagens por grupo etário da povoação portuguesa em 31/12/2014

Posteriormente as percentagens de género foram cruzadas com as percentagens dos grupos etários, obtendo os seguintes resultados:

<b>IDADE</b>	<b>QUESTIONARIOS TOTALS</b>	<b>QUESTIONARIOS PARA AS MULHERES</b>	<b>QUESTIONARIOS PARA OS HOMENS</b>
15 – 25 (15.98%)	16	<b>9</b>	<b>7</b>
25 – 35 (19.02%)	19	<b>10</b>	<b>9</b>
35 – 50 (34.02%)	34	<b>18</b>	<b>16</b>
50 – 65 (30.98%)	31	<b>16</b>	<b>15</b>
<b>TOTAL</b>	100	53 (52.8%)	47 (47.2%)

Tabela 3.3: Individuação do número dos questionários por idade e género

A distribuição do questionário ocorreu durante o mês de maio 2016 através da entrevista direta. Foi escolhida essa modalidade de distribuição para garantir que cada grupo etário fosse corretamente representado e para aclarar, se necessário, o significado de algumas perguntas e as modalidades de resposta.

Foram diferenciados os sítios de distribuição para obter a colaboração dos inquiridos de cada grupo de idade, então foram recolhidos questionários num ensino secundário de nível superior, na Universidade, num centro comercial, numa estação de correios e num supermercado. Atingido o numero previsto dos questionários compilados por género e idade, o excesso de material útil foi rejeitado.

### 3.4. Definição das hipóteses

O objetivo geral dessa investigação é verificar se algumas intuições pessoais refletem-se numa coletividade mais ampla, comprovadas através da análise da realidade portuguesa.

É nessa perspetiva que se propõe a definição de uma serie de hipóteses que serão verificadas na posterior elaboração dos dados:

- **HP 1:** Registram-se diferencias significativas na abordagem ao multilinguismo, considerando os diversos grupos etários dos entrevistados e a crescente globalização e integração linguística e cultural?
- **HP 2:** Que valor atribuem-se à língua na construção da própria identidade e na perceção da identidade cultural da comunidade analisada?
- **HP 3:** Em que medida a comunidade analisada seria disponível a renunciar à própria língua-mãe a favor de um idioma artificial universal, como o esperanto, na perspetiva de uma crescente integração linguística?



## **Capítulo 4**

### **ELABORAÇÃO DOS DADOS**

#### 4.1. Modalidades de elaboração

Uma vez completada a recolha dos questionários compilados, a seguinte fase de elaboração dos dados foi realizada utilizando *Qualtrics*. Graças a este software online gratuito é possível criar uma cópia eletrónica do questionário em papel e proceder a uma eventual distribuição online. O utilizo de *Qualtrics* fornece também um suporte adequado para a análise dos dados recolhidos.

Portanto, todas as perguntas do questionário foram inseridas manualmente nesta plataforma informática, tal como todas as respostas dos 100 inquiridos. Nesta maneira foi possível uma fácil elaboração dos dados através de representações gráficas, tabelas e dados cruzados disponibilizados por este software.

Na análise dos dados favoreceu-se o cruzamento de cada uma das respostas com as faixas de idade mais do que com o género dos entrevistados. Isto deve-se à consideração que resulta mais significativo enfatizar as diferenças geracionais, porque são mais relevantes respeito às outras.

Foram analisados os dados relativos a todas as perguntas do questionário, mas foi feita uma seleção dos resultados para ilustrar os dados mais interessantes ao fim de verificar as hipóteses.

Em alguns casos foram propostos gráficos ou tabelas, em outros os resultados serão só descritos.

Não foram inseridos 7 questionários compilados pelo excesso no número dos questionários previstos por cada grupo etário, para respetar as classificações anteriormente estabelecidas.

O conhecimento de *Qualtrics* e das suas características deve-se ao utilizo na redação da tese trienal.

## 4.2. Primeira secção: Dados sociodemográficos

Não todos os dados sociodemográficos recolhidos neste questionário serão objeto de valoração na análise que segue.

As perguntas inseridas nessa secção em muitos casos têm sobretudo a finalidade de introduzir o inquirido na compilação do questionário e muitas características demográficas não são variáveis relevantes aos fins desse estudo.

Em todos os casos é significativo relevar que a maioria dos entrevistados provém do sul de Portugal (89%): isto deve-se aos lugares onde foram distribuídos os questionários, que foram limitados só à cidade de Faro.

Pela mesma razão o dado sobre a dimensão da cidade onde vive a maioria da amostragem analisada regista a proveniência de uma cidade de media dimensão (cerca de 60.000 habitantes em Faro).

Presumindo que a renda familiar, o estado civil e a ocupação não influenciam as variáveis objeto dessa investigação, os dados recolhidos sobre estes caracteres não serão descritos.

Contrariamente, revestem-se de particular importância as seguintes elaborações.

Tal como estabelecido na fase de individuação da amostragem, as percentagens dos entrevistados por género e idade correspondem às percentagens da povoação portuguesa (2014).

A seguinte tabela (1.4) e o sucessivo gráfico (1.4) mostram esse resultado:

#	Answer		Response	%
1	H		47	47%
2	M		53	53%
	Total		100	100%

Tabela 1.4: Percentagens por género dos entrevistados



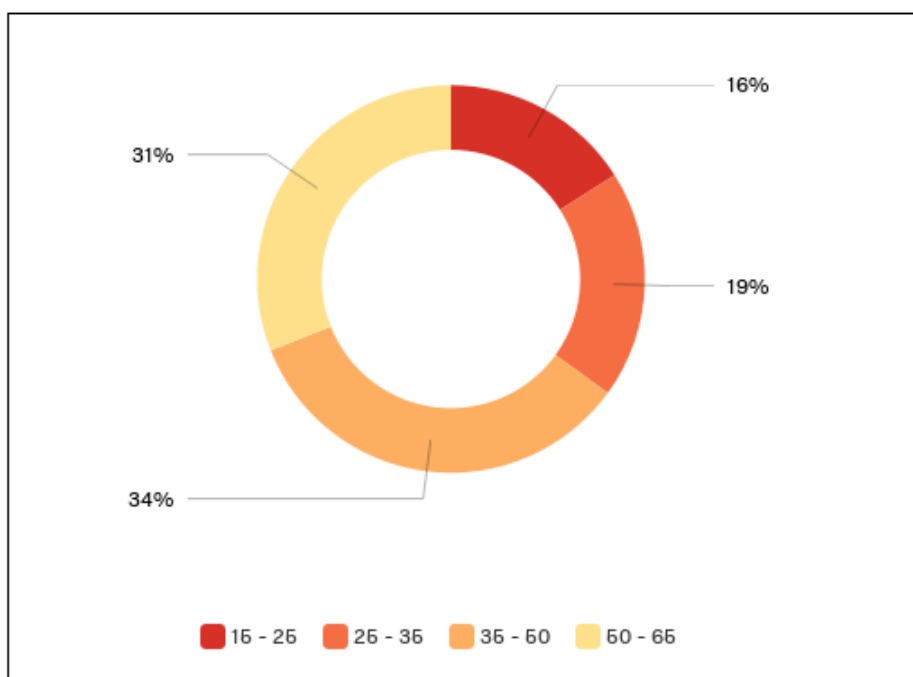


Gráfico 1.4: Percentagens por grupo etário dos entrevistados

Estas representações gráficas, derivando do método da *amostragem aleatória estratificada* aplicado nessa investigação, não devem surpreender.

Pelo contrário, são relevantes e serão utilizados em seguida os dados relativos ao nível de estudo dos entrevistados, tal como ilustrado no gráfico 2.4:

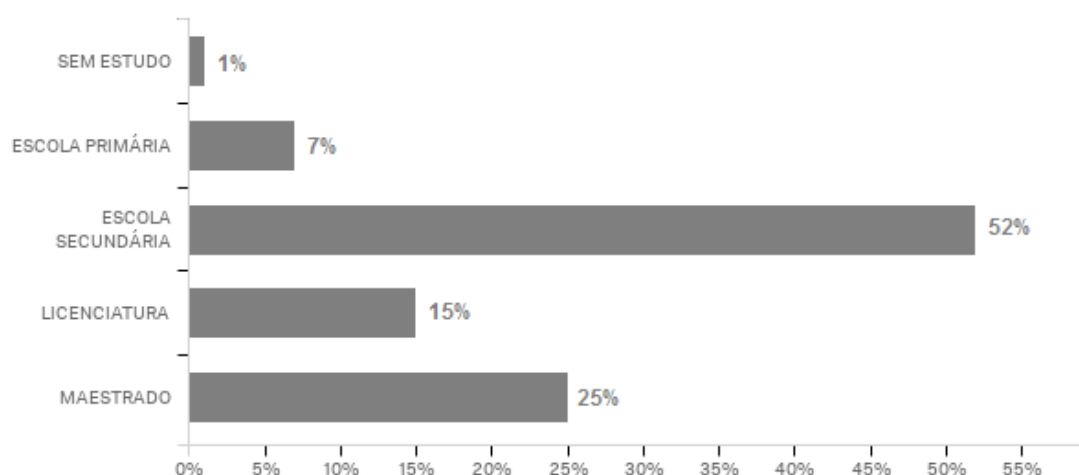


Gráfico 2.4: Percentagens por nível de estudo dos entrevistados

#### 4.3. Segunda secção: Dados sobre as línguas estrangeiras conhecidas

Nessa parte a elaboração dos dados recolhidos referem-se às perguntas contidas na segunda secção do questionário, que se centram no conhecimento e na atitude dos entrevistados na aprendizagem das línguas estrangeiras.

À pergunta Q10 (“Você sabe algumas línguas estrangeiras?”) o 83% dos inquiridos deu uma resposta afirmativa, como representado na seguinte tabela (2.4):

#	Answer	Response	%
1	SIM	83	83%
2	NÃO	17	17%
	Total	100	100%

Tabela 2.4: Respostas dos entrevistados à pergunta Q10

As segundas línguas mais faladas pela amostragem são inglês e francês; uma menor percentagem conhece o espanhol e italiano.

É significativo observar que as pessoas que responderam não à pergunta Q10 se colocam nos grupos etários mais altos, principalmente na faixa 50 – 65 anos.

Podemos presumir que isso se verifica porque os jovens têm mais oportunidades e instrumentos para a aprendizagem das línguas; por outra parte a povoação mais adulta, vivendo uma condição mais estável, recebe menos estímulos linguísticos na prática e na melhoria de um idioma estrangeiro.

Através a pergunta seguinte (Q11), à qual se podiam fornecer respostas múltiplas, indagou-se sobre as razões pelas quais este 17% dos entrevistados não conhece nenhum idioma estrangeiro.

No gráfico seguinte (3.4) são representados estes resultados:

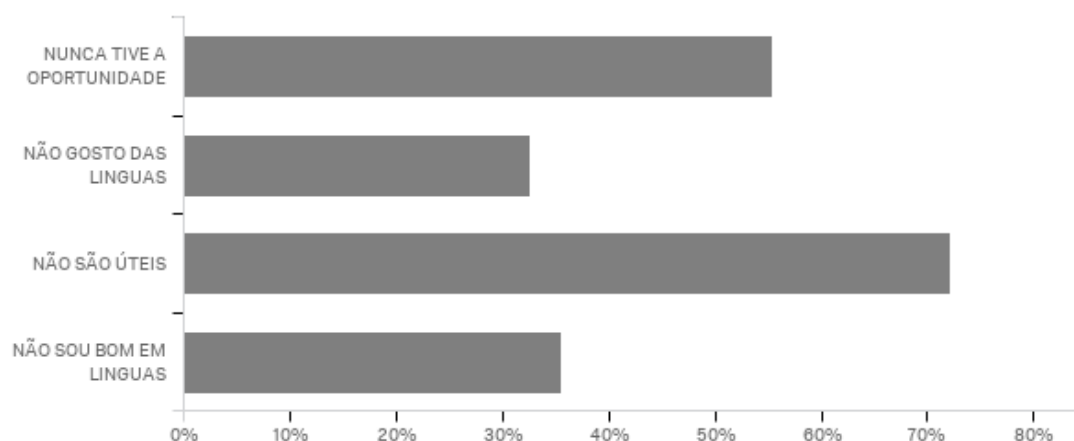


Gráfico 3.4: Respostas dos entrevistados à pergunta Q11

A maioria dos entrevistados afirma que a principal razão do seu desconhecimento das línguas estrangeiras reside na pouca utilidade do multilinguismo a nível pessoal.

Este resultado pode-se explicar, por um lado, considerado que as pessoas maiores vivem situações laborais mais estáveis e vivem uma realidade menos flexível do mercado de trabalho, por outro, tendo em conta que são também menos sujeitos a interações multiculturais e multilinguísticas.

Ademais, mais da metade argumenta não ter tido oportunidades para aprender idiomas estrangeiros. Uma possível explicação tem a ver com a evolução do sistema de ensino português, que hoje em dia é mais sensível e atento ao multilinguismo, e no menor intercâmbio cultural a nível global ocorrido nas décadas passadas.

As remanentes respostas são distribuídas uniformemente e representam valorações subjetivas.

A análise dos dados recolhidos relativos à pergunta Q13 ("Quê nível de conhecimento você tem da(s) língua(s) estrangeira(s) que estudou?") mostra que uma minoria dos inquiridos considera o próprio nível avançado.

É necessário esclarecer que a resposta a esta pergunta prevê uma autoavaliação, que é inevitavelmente subjetiva e por isso os dados têm de ser julgados com esta premissa.

Mais interessante resulta o cruzamento destes dados com as classificações etárias dos entrevistados, também para poder operar uma comparação geracionais (gráfico 4.4):

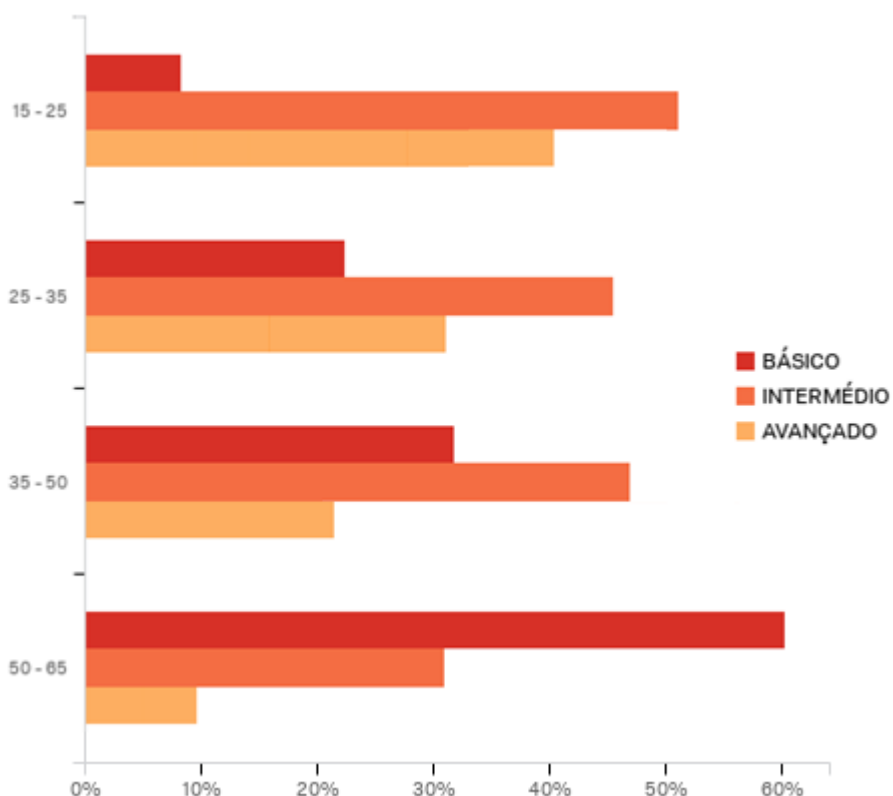


Gráfico 4.4: Distribuição dos níveis de conhecimento dos idiomas estrangeiros por grupos etários

Tal como ilustrado, com o aumentar da idade a evolução do nível básico cresce e, vice-versa, a evolução do nível avançado decresce. Este resultado resulta coerente com as considerações expressas anteriormente e reflete as diferenças geracionais em termos de multilinguismo.

Ademais, pode-se imaginar que as gerações mais novas tenham a possibilidade de melhorar todavia mais a sua colocação neste gráfico e, fazendo projeções para o futuro, pode-se presumir menores diferenças

entre os grupos etários e um nível de conhecimento das línguas estrangeiras mediamente mais alto.

Das respostas recolhidas da pergunta Q13 (“Onde / Como você aprendeu-a(s)?”) obtém-se o gráfico 5.4:

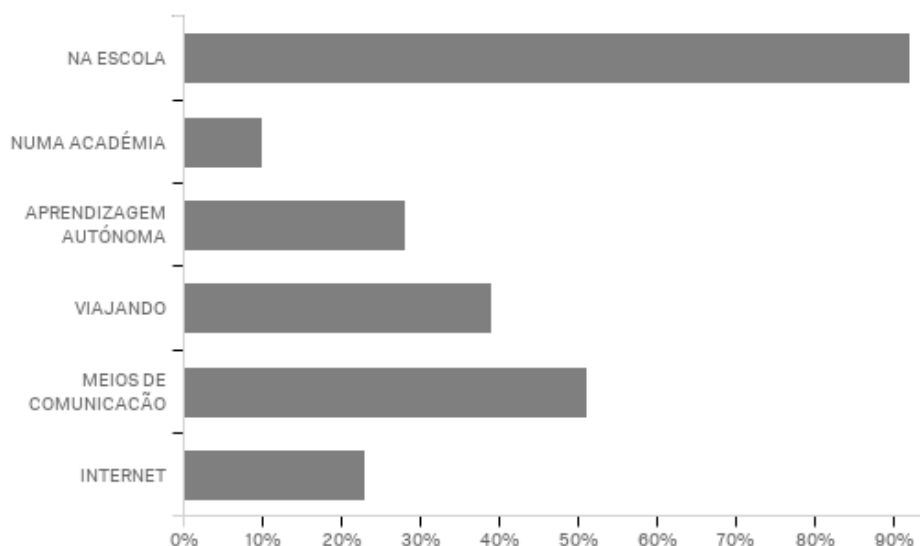


Gráfico 5.4: Percentagens dos meios de aprendizagem da amostragem analisada

Também nesse caso era possível indicar mais de uma resposta, e o 92% da amostragem analisado afirma de ter aprendido um ou mais idiomas durante o ciclo educativo escolar. Tal dado não desmente as expectativas e não surpreende, pois, em condições normais, as escolas e o sistema de ensino constituem um instrumento ao alcance de todos.

Se este resultado é comum a todos os inquiridos, a aprendizagem através as viagens, a internet e os meios de comunicação são uma prerrogativa da povoação mais novas.

As últimas duas perguntas dessa secção são dedicadas às iniciativas de promoção do multilinguismo pela União Europeia.

Os dois gráficos seguintes (6.4 e 7.4) elaboram as respostas às perguntas Q15 (“Você acha que a União Europeia deverá investir mais na integração cultural e linguística dos seus cidadãos?”) e Q16 (“Você

achas que os programas e as iniciativas da União Europeia para a difusão das línguas e para a integração cultural (como o projeto Erasmus, projeto Leonardo etc.) são úteis para a aprendizagem das línguas estrangeiras?") em relação à idade dos entrevistados.

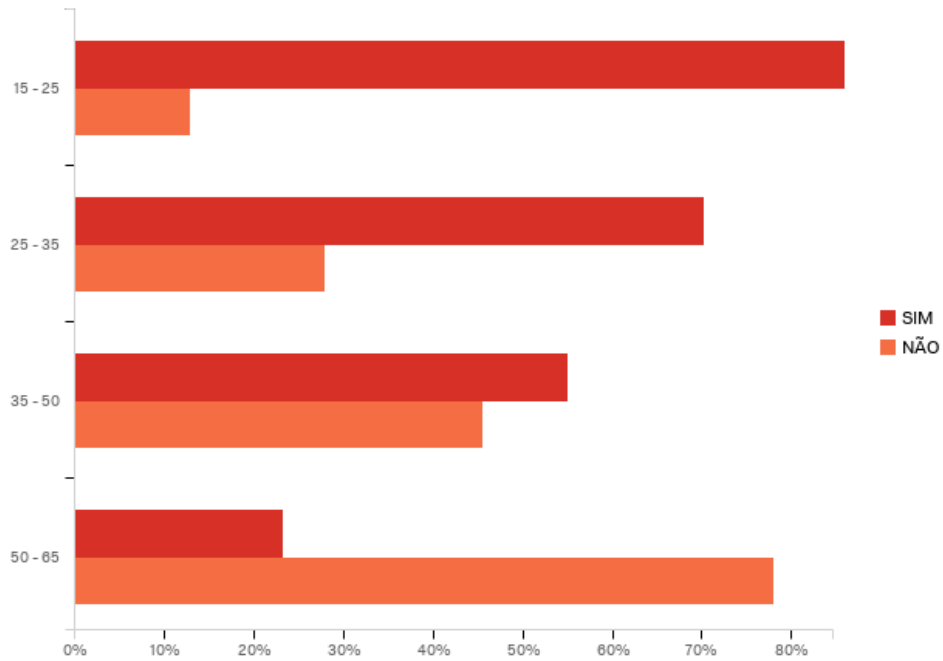


Gráfico 6.4: Respostas em percentagem dos inquiridos à pergunta Q15

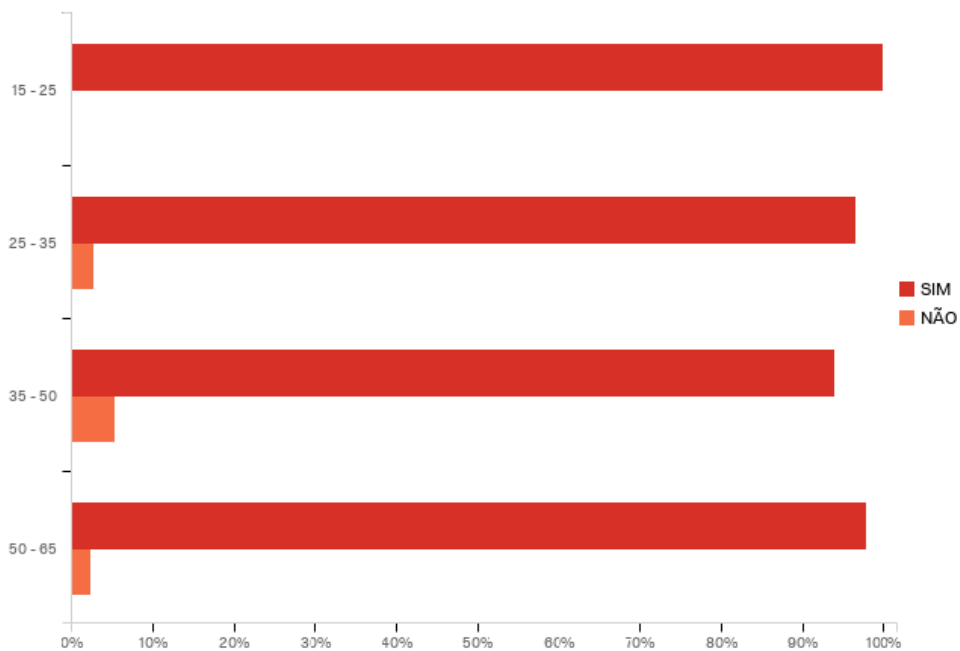


Gráfico 7.4: Respostas em percentagem dos inquiridos à pergunta Q16

No primeiro gráfico, à medida que a idade aumenta, nota-se uma menor disponibilidade para utilizar fundos públicos a favor de políticas linguísticas. Isso pode-se explicar considerando que estes tipos de iniciativas e ações são dedicadas de forma específica aos estudantes e aos jovens, que, pelo contrário, apoiam estes projetos da Comissão Europeia.

Provavelmente, se a pergunta se referisse às iniciativas dedicadas à pluralidade dos cidadãos, a diferença entre estas percentagens seria reduzida.

No segundo gráfico, nota-se que sobre a utilidade dos projetos de política linguística, em vez, todos os inquiridos se exprimem uniformemente, considerando positivamente o empenhamento da União Europeia.

Estos tipos de gráficos, nos quais as avaliações sobre o multilinguismo são cruzados com as faixas de idade, são finalizados à verificação da primeira hipótese formulada (HP1), que será discutida em seguida.

#### 4.4. Terça secção: Dados sobre a avaliação do multilinguismo

A análise desta secção refere-se à terça parte do questionário, na qual o entrevistado exprimiu algumas avaliações subjetivas sobre o multilinguismo. Todas estas perguntas preveem afirmações as quais o entrevistado é chamado a indicarem em que medida está de acordo utilizando uma escala de pontuação de 0 (totalmente em desacordo) a 10 (totalmente de acordo).

Para permitir uma intuitiva representação gráfica desta tipologia de perguntas, a escala de pontuação foi subdividida em três escalões: as avaliações de 0 a 3 fazem parte do escalão “em desacordo”, as de 4 a 7 são definidas “indiferentes” e as de 8 a 10 são consideradas “de acordo”. Este método foi utilizado também para a elaboração das respostas à pergunta Q17 (“Gostaria de aprender outro(s) idioma(s)”).

O gráfico 8.4 ilustra estes resultados cruzados com a idade dos inquiridos:

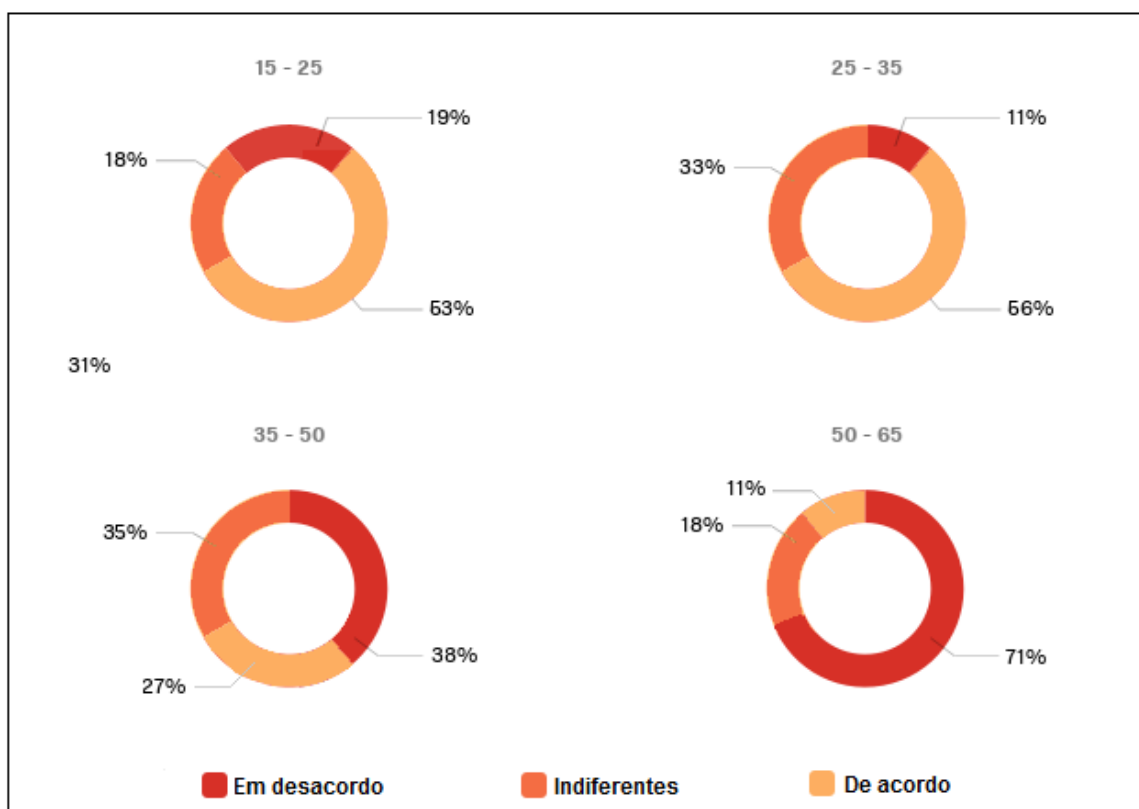


Gráfico 8.4: Respostas dos inquiridos à pergunta Q17 por grupos etários



O gráfico mostra uma percentagem de modo mais ou menos semelhante de favoráveis a aprender um novo idioma nas primeiras duas faixas de idade, sinal evidente que as gerações mais novas são interessadas a melhorar os próprios conhecimentos também em campo linguístico.

O terço e o quarto gráficos em anel mostram uma diminuição drástica dos favoráveis e um aumento significativo dos entrevistados que pertencem ao primeiro escalão.

A diferença mais interessante entre os últimos dois gráficos é que, quando passarmos de uma faixa para a outra, diminuem para metade os indiferentes, ao passo que duplica a percentagem dos em desacordo.

Isto sublinha a existência de uma correlação entre idade e abordagem ao multilinguismo, já evidenciada no subcapítulo 4.3., e confirma as considerações feitas anteriormente sobre as diferenças geracionais.

A pergunta Q19 ("Acho que saber outros idiomas seja útil em geral") é ligada às seguintes três, que são de carácter mais específico pois são limitadas só a alguns contextos do multilinguismo.

A comparação mais interessante é a entre os resultados às perguntas Q19 e Q20 ("Acho que sabendo mais idiomas teria mais oportunidades no trabalho").

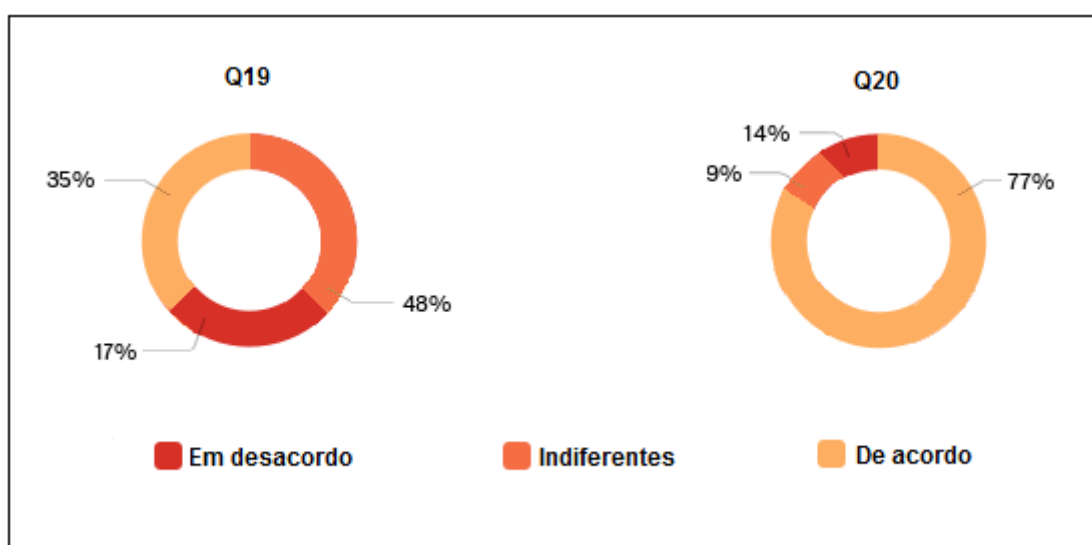


Gráfico 9.4: Percentagens de resposta às perguntas Q19 e Q20

O gráfico 9.4 permite esta análise, e indica que só o 35% da amostragem analisada afirma que é útil aprender novos idiomas (anel à esquerda); mas, se limitamos a pergunta ao âmbito laboral esta percentagem chega mesmo a atingir o 77% (anel à direita).

Esta significativa variação das percentagens não deve ser considerada uma contradição se se considera que qualquer entrevistado tem mais facilidade em responder a perguntas específicas, ao passo que resulta ser mais incerto se confrontado com perguntas mais gerais.

Esta tendência verificou-se também com referência às perguntas Q21 e Q22, que limitam o âmbito da pergunta Q19 à socialização e às possibilidades de viajar.

No total, as respostas a estas quatro perguntas atribuem, por cada grupo etário considerado, um grande valor ao conhecimento das línguas estrangeiras e reduzem parcialmente as diferenças geracionais anteriormente descritas.

#### 4.5. Quarta secção: Dados sobre o valor da língua na identidade cultural

Esta secção da elaboração se atribui o objetivo de verificar a segunda e a terça hipótese (HP2 e HP3).

As avaliações que seguirão viram a investigar sobre a ligação entre língua e identidade cultural percebido da amostragem analisada e sobre o valor que a comunidade atribui-lhe numa sociedade sempre mais integrada e globalizada.

A pergunta Q24, que introduz a quarta parte do questionário, é uma das poucas que consente a resposta múltipla e pede ao entrevistado de individualizar quais caracteres constituem a sua identidade (gráfico 10.4).

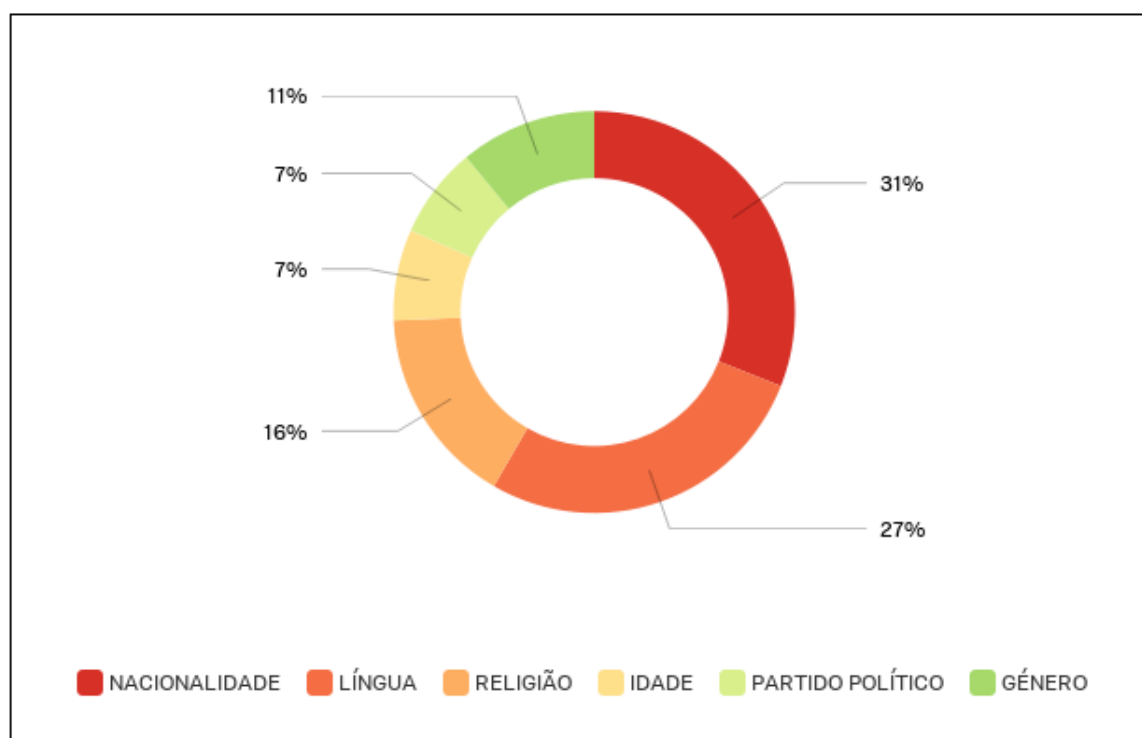


Gráfico 10.4: Caracteres que constituem a identidade

O gráfico evidencia que a nacionalidade e a língua são os dois caracteres que mais determinam a identidade; a religião desempenha um papel importante, ainda seja secundário, e a escolha das outras determinantes resulta residual.

A avaliação sobre a importância da língua na construção da própria identidade foi proposta também através a pergunta Q25 (“Acho que a minha língua é uma importante característica da minha identidade”), que produziu resultados análogos (gráfico 11.4).

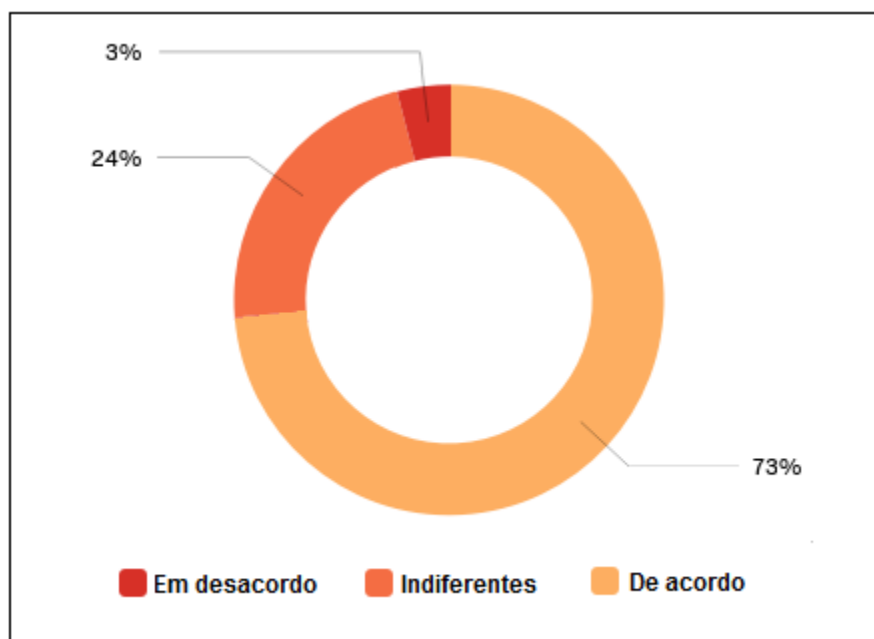


Gráfico 11.4: Percentagens de resposta à pergunta Q25

Comprovado a forte ligação, pode-se compreender e aprovar o compromisso da União Europeia, bem como na promoção do multilinguismo, na proteção dos idiomas.

As três seguintes perguntas recolhem dados sobre a integração linguística e cultural e sobre a ameaça que para alguém pode representar.

O 89% dos entrevistados alega que a humanidade tende inevitavelmente a uma maior integração e que isso é fruto também do crescente multilinguismo.

Só o 2% afirma que conhecer demasiadas línguas estrangeiras representa uma ameaça para a própria identidade cultural.

A este propósito, resulta emblemática a correspondência entre esse resultado e os dados emersos das respostas à pergunta Q23 (“Acho que

conhecer outros idiomas é uma experiência enriquecedora para mim”), que não foram discutidos anteriormente.

As duas perguntas são complementares, porque os resultados referidos a elas representam a mesma atitude: com efeito, o 97% dos respondentes à pergunta Q23 considera um enriquecimento pessoal a aprendizagem de outras línguas.

Estes resultados não são sujeitos a significativas variações geracionais e demonstram que, embora a língua-mãe seja uma determinante importante, aprender novos idiomas não afeta a imagem que um indivíduo tem de si próprio.

Também o gráfico 12.4, que ilustra os resultados à pergunta Q29 (“Uma integração mais profunda e mais eficaz faria-me perder a minha identidade”) cruzados com os grupos etários, confirma esta tendência.

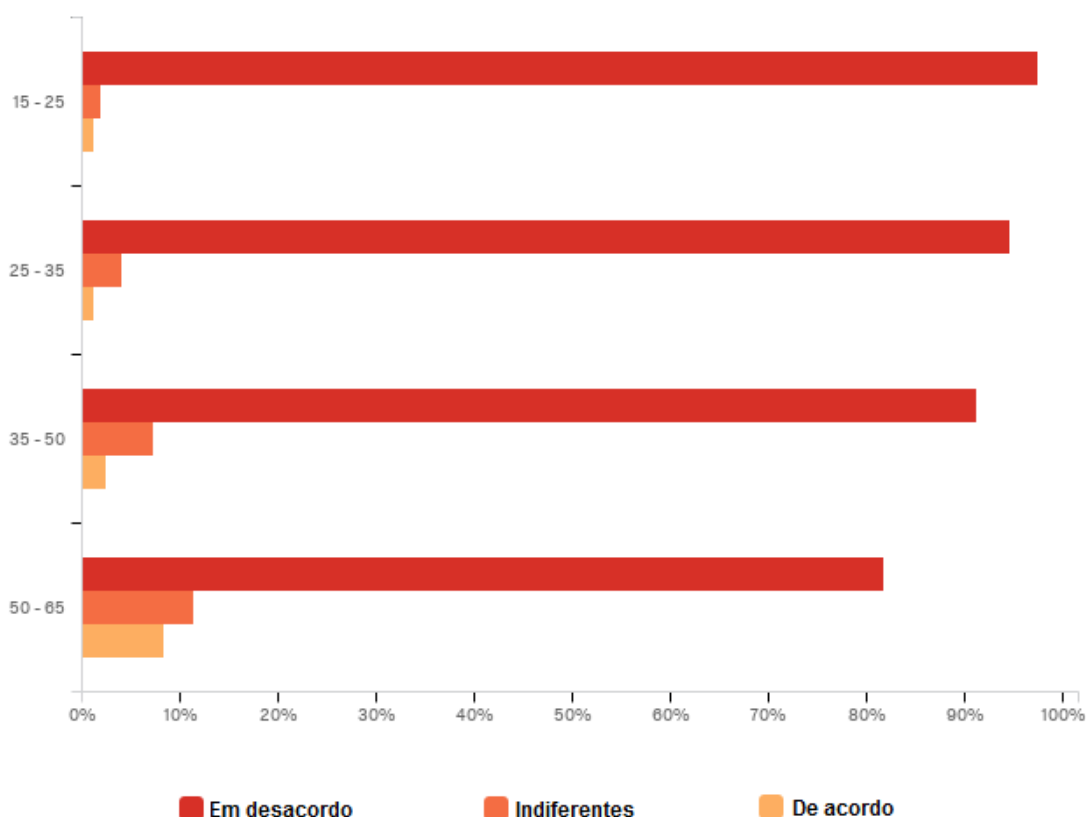


Gráfico 12.4: Percentagens de resposta à pergunta Q29 por grupos etários

A representação gráfica mostra uma maior resistência à integração por os sujeitos maiores, embora seja com percentuais muito baixas.

No entanto, no total estes resultados são coerentes com os analisados anteriormente e serão centrais na verificação da hipótese HP2.

A última análise proposta nesta secção é relativa aos resultados à pergunta Q30 ("David Crystal, um linguista irlandês, afirma que em 500 anos poderíamos falar só uma língua. Estaria disposto a perder a minha identidade linguística e a minha língua a favor de uma integração global"), que permitirá de estabelecer se a hipótese HP3 é verdadeira.

O gráfico 13.4 ilustra de maneira clara as avaliações dos entrevistados:

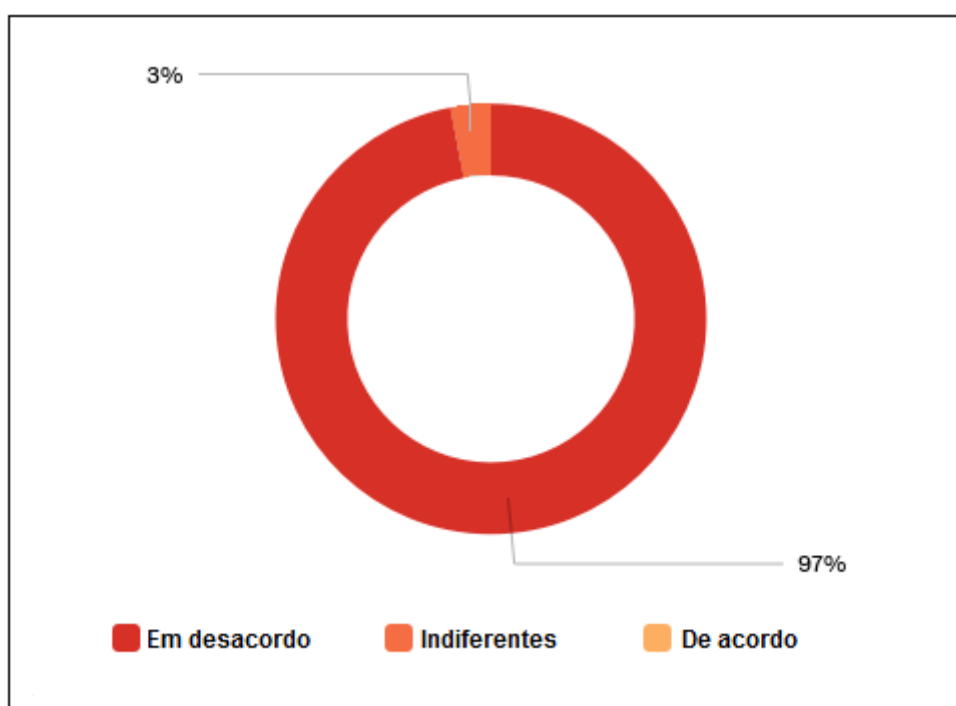


Gráfico 13.4: Percentagens de resposta à pergunta Q30

Quase a totalidade da amostragem demonstra-se cético em relação à possibilidade de substituir a língua-mãe com um idioma artificial global.

Confirma-se uma vez mais a existência de uma forte ligação entre língua e identidade, tanto que a renúncia ao próprio idioma é percebida como uma perda da própria personalidade, que ninguém está disposta a comprometer.

#### 4.6. Verificação das hipóteses

Uma vez elaborados os dados, pode-se proceder à verificação das hipóteses formuladas no subcapítulo 3.4.

Para facilitar a exposição cada hipótese será discutida individualmente:

- **HP 1:** As considerações expressas na segunda e na terceira secção deste capítulo levam a afirmar que a abordagem ao multilinguismo tem uma correlação com a idade. Nas classificações etárias mais baixas nota-se uma maior propensão a aprendizagem dos idiomas estrangeiros e uma maior valorização das ações de política linguística da União Europeia.
- **HP 2:** Como argumentado na quarta secção, foi demonstrada a existência de uma ligação direta entre a língua-mãe e a identidade cultural. Este tipo de consciência pertence a toda a amostragem analisada, que não mostra diferenças significativas a nível geracional sobre os caracteres que constituem as personalidades individuais.
- **HP 3:** A verificação de terceira hipótese, embora possa ser discutida através a elaboração das respostas à só uma pergunta (Q30), fornece uma visão muito clara, estabelecendo que a amostragem não seria disposta a renunciar à própria identidade linguística a favor de uma integração global.





## Conclusões

Esta tese deu-me a oportunidade para verificar se algumas intuições pessoais forem comprovadas nos resultados dados pela minha investigação.

A intenção de indagar os aspetos culturais e linguísticos de Portugal encontra a sua razão de ser na tentativa de unir os meus interesses académicos com a experiência formativa do Erasmus em Faro.

Desde o início, quando este estudo era todavia na fase de conceção, foi claro para mim a intenção de realizar uma investigação que não prescindisse dos fatores culturais e antropológicos que considero fundamentais no estudo de uma língua estrangeira.

Ademais, a possibilidade de poder investigar num campo que mergulha as suas raízes numa experiência pessoal como a do Erasmus, permitiu-me de enfatizar a importância que teve esta experiência na minha vida.

Esta pesquisa manifesta a intenção de oferecer uma imagem cultural e linguística de uma realidade pessoalmente vivida e de evidenciar algumas peculiaridades e características de uma comunidade.

As experiências vividas em Espanha e Portugal ensinaram-me a procurar nos outros a diversidade linguística e cultural, e, por outro lado, a apreciar ainda mais a minha língua e a minha cultura.

É nessas premissas que esta investigação mergulha as suas raízes: as hipóteses propostas não foram casuais, mas tinham o objetivo de indagar alguns aspetos culturais e linguísticos que mais que outros me impressionaram na estadia no estrangeiro.

O interesse relativamente à relação que liga a língua e a identidade foi o ponto de partida deste estudo.

O valor da língua-mãe resulta central na construção do espaço identitário, mas não constitui um obstáculo à integração quer linguística quer cultural.

Para a amostragem analisada, de fato, conhecer muitas línguas

estrangeiras não representa uma ameaça para si ou para a própria identidade, mas é reconhecido enquanto fonte de enriquecimento cultural, social e individual.

Numa perspetiva de crescente globalização insere-se

No entanto, é a diversidade, também linguística, que estimula a curiosidade e a aprendizagem, e constitui a verdadeira riqueza da humanidade.

Os resultados emersos, embora tenham atendido numa boa parte às minhas expectativas, ofereceram-me muitas pistas de reflexão.

Pode-se presumir que os resultados emersos desta investigação podem ser estendidos a todas as povoações europeias, pois todas beneficiam das ações de política linguística da União Europeia.

Estos tipos de iniciativas comunitárias, que respondem plenamente aos princípios em que assenta a União, não desempenham um papel significativo só na promoção do multilinguismo e do intercâmbio cultural, mas levam de maneira pragmática a progressiva evolução na atitude e na abordagem à integração e ao respeito das diversidades por os cidadãos europeus.

Os resultados obtidos desta tese sugerem uma abertura sempre mais profunda por as gerações mais novas, sendo também os principais destinatários dos projetos de mobilidade linguística.

Esta atitude, que constitui um dos êxitos mais importantes das instituições comunitárias, resulta ser um forte sinal de mudança cultural, que leva a ser otimistas em relação ao futuro, presumindo que isso seja o início de um processo imparável, que se auto-alimenta e que abrange todas as comunidades do mundo.

## **Apêndice**

### **Anexo 1: Questionário**

#### **Q1. Sexo:**

Homem

Mulher

#### **Q2. Idade:**

- 15 - 25
- 25 - 35
- 35 – 50
- 50 - 65

#### **Q3. Estado Civil:**

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- União de facto
- Viúvo (a)
- Divorciado (a)

#### **Q4. Nível de educação:**

- Sem estudo ou com a escola primária incompleta
- Escola primária
- Escola secundária
- Bacharelato / Licenciatura
- Mestrado / Doutoramento

#### **Q5. Ocupação:**

- Empregado
- Desempregado
- Pensionista
- Desabilitado, incapaz de trabalhar

**Q6. Origem geográfica:**

- Norte
- Centro
- Sul
- Ilhas

**Q7. Onde você reside?**

- Cidade com população inferior a 15 000 habitantes
- Cidade com população entre 15 000 e 50 000 habitantes
- Cidade com população entre 50 000 e 100 000 habitantes
- Cidade com população entre 100 000 e 250 000 habitantes
- Cidade com população superior a 250 000 habitantes

**Q8. Número de membros do agregado familiar:**

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Mais de 5

**Q9. Renda familiar anual:**

- Entre 0 e 15.000 Euro
  - Entre 16.000 e 28.000 Euro
  - Entre 29.000 e 35.000 Euro
  - Entre 36.000 e 55.000 Euro
  - Entre 55.000 e 75.000 Euro
  - Mais de 75.000 Euro
- 

**Q10. Você sabe algumas línguas estrangeiras?**

- Sim
- Não

**Q11.** Caso a resposta seja negativa, por que razão nunca estudou uma língua estrangeira?

- Porque nunca tive a oportunidade
- Porque não gosto das línguas estrangeiras
- Porque acho que não é útil
- Porque não sou bom em línguas

**Q12.** Caso a resposta seja afirmativa, quais?

- Inglês
- Francês
- Espanhol
- Italiano
- Alemão
- Outras

**Q13.** Quê nível de conhecimento você tem da(s) língua(s) estrangeira(s) que estudou?

- Nível básico / elementar
- Nível intermédio
- Nível avançado

**Q14.** Onde / Como você aprendeu-a(s)?

- Na escola
- Numa academia ou ensino privado
- Por meio de aprendizagem autónoma
- Viajando
- Através dos meios de comunicação (Televisão, Rádio, etc.)
- Na Internet
- Outros

**Q15.** Você acha que a União Europeia deverá investir mais na integração cultural e linguística dos seus cidadãos?

- Sim
- Não

**Q16.** Você acha que os programas e as iniciativas da União Europeia para a difusão das línguas e para a integração cultural (como o projeto Erasmus, projeto Leonardo etc.) são úteis para a aprendizagem das línguas estrangeiras?

- Sim
  - Não
- 

**Q17.** Gostaria de aprender outro(s) idioma(s).

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q18.** Acho que o sistema de ensino português faça o suficiente para um maior conhecimento das línguas estrangeiras.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q19.** Acho que saber outros idiomas seja útil em geral.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q20.** Acho que sabendo mais idiomas teria mais oportunidades no trabalho.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q21.** Acho que sabendo mais idiomas teria mais oportunidades na socialização.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q22.** Acho que sabendo mais idiomas teria a oportunidade de viajar mais.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q23.** Acho que conhecer outros idiomas é uma experiência enriquecedora para mim.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

---

**Q24.** Quais destas características você acha sejam importantes para caracterizar a sua identidade? (Escolha máximo 3 respostas)

- Nacionalidade
- Língua
- Religião
- Idade
- Partido Político
- Género

**Q25.** Acho que a minha língua é uma importante característica da minha identidade.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q26.** Conhecer demasiadas línguas estrangeiras representa uma ameaça para a minha identidade cultural.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q27.** Falar várias línguas estrangeiras leva a uma maior integração cultural.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q28.** A humanidade tende inevitavelmente a uma maior integração.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q29.** Uma integração mais profunda e mais eficaz faria-me perder a minha identidade.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Q30.** David Crystal, um linguista irlandês, afirma que em 500 anos poderíamos falar só uma língua. Estaria disposto a perder a minha identidade linguística e a minha língua a favor de uma integração global.

0 = TOTALMENTE EM DESACORDO, 10 = TOTALMENTE DE ACORDO

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----



## Bibliografia

Bausani, A. *Le lingue inventate*. Roma, Ubaldini, 1974

Crystal, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005

Gazzola, M. *La gestione del multilinguismo nell'Unione Europea*, in Carli, A. (ed.), *Le sfide della politica linguistica di oggi. Fra la valorizzazione del multilinguismo migratorio locale e le istanze del plurilinguismo europeo*. Milano, FrancoAngeli, 2006

Marrone, C. *Le lingue utopiche*. Viterbo, Nuovi Equilibri, 2004

Mea, G. *O Dicionário Português*. Bologna, Zanichelli, 2010

Oz, A. *Contra o Fanatismo*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004

Piccolo, D. e Vitale, C. *Metodi statistici per l'analisi economica*. Bologna, Il Mulino, 1981

Renfrew, C. *Preistoria. L'alba della mente umana*. Torino, Einaudi, 2011

Ruhlen, M. *A Origem da Linguagem*. Lisboa, Temas & Debates, 1998

Vajani, L. *Statistica Descrittiva*. Milano, Etas Libri, 1974

## **Webgrafia**

<http://www.bibbia.net>

<http://www.esperanto.com>

[http://www.europa.eu/european-union/index\\_it](http://www.europa.eu/european-union/index_it)

<http://www.linguee.it>

<http://www.qtrial2014.az1.qualtrics.com>

## **Riassunto**

Questo lavoro di tesi è stata l'occasione per verificare se alcune intuizioni personali trovassero riscontro oggettivo nei risultati emersi dalla mia ricerca. L'intenzione di indagare aspetti culturali, antropologici e linguistici del Portogallo trova ragion d'essere nella coniugazione di interessi personali accademici e l'esperienza Erasmus vissuta a Faro durante lo scorso anno accademico.

Fin dal principio, quando questo studio era ancora in fase progettuale, era chiara in me la volontà di condurre un'indagine che non prescindesse da fattori e aspetti culturali, che reputo punti cardine nell'apprendimento di una lingua straniera.

La possibilità, poi, di investigare in un campo che fondasse le sue radici in una esperienza personale e formativa come quella dell'Erasmus è stata l'occasione per svolgere parte dell'indagine qui descritta a Faro, enfatizzando l'importanza che questa esperienza ha assunto nella mia vita.

Il contatto interculturale e l'approfondimento linguistico trovano massima espressione durante una esperienza di studio all'estero, che ho avuto la fortuna di vivere, oltre che a Faro, all'*Univesidad de Salamanca* (Spagna) due anni fa.

La consapevolezza maturata durante queste esperienze e l'osservazione che i fattori linguistici ed extralinguistici stabiliscono correlazioni tra una lingua e l'identità culturale di una comunità mi ha indotto ad approfondire la natura di questa relazione.

Immergermi nella realtà portoghese e vivere la diversità come un significativo arricchimento personale, senza dimenticarne la dimensione universale, mi ha indotto ad interrogarmi anche sul tema del multilinguismo e sulle modalità con le quali è percepito.

L'intenzione di analizzare questi fattori si è concretizzata nella realizzazione e nella distribuzione di un questionario, attraverso il quale si sono indagate

principalmente le attitudini al multilinguismo del campione analizzato e la correlazione tra identità linguistica e identità culturale.

La realizzazione di questo progetto ha richiesto l'acquisizione di nozioni teoriche che costituiscono le fondamenta della ricerca.

Dapprima ho affrontato e sviluppato il tema dell'origine delle lingue, richiamando l'episodio biblico della Torre di Babele, in cui viene descritta la diversificazione degli idiomi.

Linguisti, psicologi, medici, filosofi e molti altri, nel corso della storia, si sono interrogati su questo argomento, formulando teorie con matrici anche molto differenti tra loro.

Particolare rilievo in questa trattazione ha assunto il ruolo del linguista statunitense Greenberg (1915 – 2001), che ha ipotizzato l'origine monogenetica delle lingue, confermata negli anni '90 del secolo scorso dal collega Ruhlen, che, attraverso il metodo della comparazione linguistica, ha classificato tutti gli idiomi in sole 18 famiglie.

L'eterogeneità linguistica si è sviluppata nel corso dei millenni parallelamente alla diversificazione culturale, stabilendo mutuamente relazioni di causa-effetto.

Tali meccanismi sono l'oggetto di studi che teorizzano che la lingua madre può determinare inequivocabilmente la nostra personalità e la nostra prospettiva della realtà: il linguaggio non solo influenzerebbe la maniera nella quale osserviamo il mondo, ma sarebbe capace di modellare i nostri cervelli, arrivando a condizionare il modo di pensare ed agire, fino a cambiare le nostre convinzioni e attitudini.

L'influenza esercitata dagli idiomi sulla struttura mentale individuale e sulla costruzione dello spazio identitario è ulteriormente confermata da alcuni studi sugli individui bilingue, che ho descritto più dettagliatamente nel capitolo 1.2 di questa tesi.

Nonostante l'indiscutibile influenza della lingua nella determinazione dell'identità culturale e appurata la loro correlazione, non sono mancati i

sostenitori di lingue artificiali che prevedessero l'uniformità linguistica e permettessero la comunicazione umana universale.

Il tentativo più riuscito è da attribuire al medico polacco Zamenhof, che, nel 1887, ha pianificato l'esperanto, una lingua artificiale estremamente flessibile e facile da apprendere.

Nonostante l'esperanto sia attualmente parlato da oltre un milione e mezzo di persone nel mondo, possiamo affermare che nessun idioma artificiale ha conseguito il suo obiettivo in termini di divulgazione e di comunicazione universali.

David Crystal, linguista irlandese, afferma che "un mondo con una sola lingua superstite – una catastrofe di ecologia intellettuale senza precedenti – è uno scenario che in teoria potrebbe affermarsi di qui a cinquecento anni"<sup>6</sup>.

In effetti non è facile pensare ad uno scenario di omogeneità linguistica, privo del patrimonio inestimabile della diversità.

Allo scopo di completare la preparazione propedeutica all'indagine oggetto della mia tesi, ho analizzato l'evoluzione delle politiche linguistiche adottate nel panorama internazionale nel dopoguerra e il modo in cui sono state tradotte in azioni concrete.

Nonostante l'Organizzazione delle Nazioni Unite si sia dedicata per prima alla tutela dei diritti linguistici, l'istituzione internazionale che più di altre ha posto al centro dei propri obiettivi una politica linguistica forte e coerente è l'Unione Europea.

La legislazione comunitaria si traduce da un lato, nella promozione dell'integrazione culturale e del multilinguismo e, dall'altro, nella tutela delle minoranze e delle diversità linguistiche.

Uno dei principali obiettivi dell'Unione Europea in tema di multilinguismo è l'apprendimento, per ogni cittadino, di almeno due lingue oltre alla lingua

---

<sup>6</sup> *La rivoluzione delle lingue*, Bologna, il Mulino, 2005

madre, che si persegue attraverso riforme dei sistemi scolastici e finanziamenti dei progetti di mobilità per studenti e lavoratori europei.

Con il medesimo impegno la Commissione Europea incentiva la diversità linguistica, mantenendo un dialogo aperto con i governi nazionali, che hanno la responsabilità di individuare e salvaguardare gli idiomi minoritari e i dialetti locali.

Acquisite le nozioni necessarie per disporre di un bagaglio teorico esaustivo, ho proceduto all'elaborazione e alla distribuzione di un questionario, che potesse fornire, attraverso le domande proposte, una immagine della realtà linguistica, antropologica e culturale portoghese.

Le conoscenze tecniche necessarie per la realizzazione dell'indagine vera e propria derivano dalla precedente esperienza nella stesura della tesi triennale, che ho richiesto approfondimenti in campo statistico.

L'osservazione dei dati raccolti ha preceduto l'analisi dei risultati e la verifica delle ipotesi.

Il questionario (allegato 1 in appendice) è strutturato in 30 domande ordinate in quattro sezioni distinte, ognuna delle quali si compone di differenti tipologie di domande.

In fase di progettazione l'ordine delle domande ha assunto un ruolo fondamentale, e ad ognuna di esse si è cercato di trovare la collocazione ottimale, frutto di scelte meditate.

La sezione introduttiva ha raccolto dati di natura socio-demografica, che hanno lo scopo di cogliere caratteristiche come l'età, il sesso, il grado di istruzione, etc, introducendo il rispondente nella logica del questionario e aumentandone la motivazione.

La parte successiva è costituita da una serie di domande che indagano sulla condizione individuale di ogni intervistato in relazione alla conoscenza delle lingue straniere e delle modalità e livello di apprendimento.

Le ultime due domande di questa sezione hanno richiesto delle valutazioni soggettive riguardo i progetti europei di politica linguistica. L'atteggiamento nei confronti del multilinguismo è stato l'argomento centrale del segmento successivo, nel quale si è proposta una serie di domande sulla predisposizione e l'interesse nell'apprendimento di altre lingue.

Infine, si è individuato e si è analizzato il legame percepito fra la lingua madre e l'identità culturale.

Particolare attenzione è stata dedicata anche alla traduzione del questionario, che è stato inizialmente concepito in italiano e successivamente tradotto in lingua portoghese. Tale operazione ha richiesto un'attenta e scrupolosa elaborazione, in quanto il questionario italiano conteneva una terminologia che non aveva immediata corrispondenza nel mio bagaglio linguistico portoghese.

Un'impropria formulazione delle domande avrebbe potuto causare errori da parte del campione analizzato e avrebbe compromesso irrimediabilmente i dati raccolti. E' anche per questo che ho dedicato molta attenzione al questionario, realizzato con la collaborazione della professoressa e mia relatrice Barbara Gori.

Essendo il questionario una fonte potenziale di errori non campionari, è stato necessario progettare e svilupparlo in modo da prevenire e limitare tali errori. Molti errori nelle risposte fornite dagli intervistati sono state, comunque, casuali, e quindi non tali da falsare l'interpretazione dei risultati.

Le modalità di individuazione del campione sono state determinate al fine di disporre di una selezione rappresentativa della popolazione portoghese che permettesse di ottenere le stesse informazioni che si sarebbero raccolte da una popolazione più vasta.

A tale scopo, stabilito pari a cento il numero dei questionari da distribuire, ho scelto di adottare il metodo di campionamento aleatorio stratificato,

che prevede l'individuazione di alcune caratteristiche della popolazione che si considerano fortemente correlate alle variabili oggetto di studio.

Questo tipo di campionamento migliora le stime poiché rende il campione molto simile alla popolazione, fornendo una "miniatura" della collettività.

Le determinanti individuate per eseguire la stratificazione sono state sesso e età, che paiono essere le più rilevanti in tema di apprendimento di lingue straniere e di percezione dell'identità culturale.

Si può presumere, infatti, che le differenze di genere e ancor più quelle generazionali influenzino l'approccio al multilinguismo, la disponibilità ad imparare nuovi idiomi e il modo in cui le lingue costituiscano la propria identità culturale e nazionale.

Per queste ragioni si è suddiviso il campione, rispettando le percentuali nazionali portoghesi, nelle seguenti fasce d'età: 15 – 25, 25 – 35, 35 – 50 e 50 – 65.

La distribuzione del questionario si è svolta a Faro nel mese di maggio 2016, attraverso interviste dirette per garantire che ogni fascia d'età fosse correttamente rappresentata e per spiegare, qualora necessario, il significato di alcune domande e le modalità di risposta.

Sono stati inoltre differenziati i luoghi di distribuzione per raggiungere agevolmente il numero di questionari previsti dalla stratificazione.

L'obiettivo generale di questa ricerca è verificare se alcune intuizioni personali si riflettano in una collettività più vasta.

E' in questa prospettiva che ho definito alcune ipotesi che sono state verificate in sede di elaborazione dati:

- **HP 1:** Si registrano differenze significative nell'approccio al multilinguismo considerando le diverse fasce d'età degli intervistati e la crescente globalizzazione e integrazione linguistica e culturale?



- **HP 2:** Che valore si attribuisce alla lingua nella costruzione della propria identità e nella percezione dell'identità culturale della comunità analizzata?
- **HP 3:** In che misura la comunità analizzata sarebbe disposta a rinunciare alla propria lingua madre in favore di un idioma artificiale universale, come l'esperanto, nella prospettiva di una crescente integrazione linguistica?

La fase di elaborazione dei dati è stata realizzata attraverso l'utilizzo di *Qualtrics*, un software online gratuito che permette la creazione di una copia elettronica del questionario cartaceo, l'eventuale distribuzione online, e fornisce un supporto adeguato per l'analisi dei dati raccolti.

Pertanto, tutte le domande del questionario sono state inserite manualmente in questa piattaforma informatica, così come tutte le risposte dei 100 intervistati.

E' stato così possibile realizzare una facile elaborazione dei dati attraverso rappresentazioni grafiche, tabelle e dati incrociati forniti da *Qualtrics*.

Per una lettura più agevole e per una trattazione coerente e chiara, i dati sono stati analizzati seguendo l'ordine progressivo delle domande del questionario.

In questa sede verranno riassunti i risultati della mia indagine, rimandando alla consultazione del capitolo 4 della mia tesi per l'analisi completa dei dati e la visualizzazione dei grafici e delle tabelle che ne completano la trattazione.

I dati socio-demografici non sono stati oggetto di approfondimento, ma sono risultati strumentali alla ricerca, poiché hanno permesso la differenziazione e la comparazione delle variabili secondo le diverse fasce d'età.

Le divergenze generazionali sono risultate particolarmente evidenti in tema di apprendimento delle lingue straniere e di valutazione delle politiche linguistiche comunitarie.

Nel primo caso, si è riscontrato un livello più alto di conoscenza delle lingue straniere e una maggior propensione al miglioramento del proprio bagaglio linguistico nella popolazione più giovane, risultato delle riforme del sistema scolastico e del successo dei progetti di mobilità linguistica e culturale, oltre che della crescente integrazione globale.

Nel secondo caso, i principali fruitori delle azioni di politica linguistica dell'Unione Europea hanno espresso un maggior consenso agli investimenti comunitari in campo linguistico e culturale, riconoscendo l'utilità del multilinguismo in diversi ambiti e aspetti della loro vita.

Il successivo fronte d'indagine ha riguardato il legame percepito tra lingua madre e l'identità culturale degli individui, affrontato dalle domande della quarta sezione del questionario.

I dati emersi da tale elaborazione hanno rispecchiato le considerazioni teoriche espresse in precedenza e hanno confermato che la lingua costituisce uno dei principali caratteri nella costruzione dell'identità individuale.

L'importanza della lingua madre è stata ulteriormente enfatizzata dai risultati emersi dalle risposte all'ultima domanda del questionario: la quasi totalità del campione ha dichiarato di non essere disposta a rinunciare ad essa a favore di una lingua artificiale universale che consenta la comunicazione globale.

Ciò nonostante, gli intervistati hanno dichiarato che imparare nuove lingue straniere non rappresenta una minaccia per il loro spazio identitario, bensì costituisce un arricchimento personale foriero di opportunità.

Tali risultati non hanno risentito in modo significativo alle variazioni generazionali e hanno espresso un valore importante promosso dall'Unione Europea, a cui va riconosciuto il merito di aver posto al centro dei propri obiettivi un'integrazione consapevole, in cui la diversità sia percepita come una ricchezza da tutelare e le radici culturali siano un patrimonio individuale e collettivo da condividere.

L'indagine proposta conserva l'intenzione di offrire uno scorcio linguistico e culturale di una realtà personalmente vissuta e di evidenziarne peculiarità e approfondirne alcuni aspetti.

I risultati ottenuti da questa tesi suggeriscono una apertura sempre più profonda da parte delle generazioni più giovani, che costituiscono i principali destinatari dei progetti di mobilità linguistica.

Questa attitudine, che rappresenta uno dei successi più importanti delle istituzioni comunitarie, risulta essere un forte segnale di cambiamento culturale, che porta ad essere ottimisti in relazione al futuro, auspicando che ciò sia l'inizio di un processo inarrestabile, che si autoalimenti e che coinvolga tutti popoli del mondo.